



SECRETARIA
ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA *
CORPO DE BOMBEIROS

SECRETARIA
- 4 SET 1955
ARQUIVO GERAL

Propriedade da
SECRETARIA do
C B D F

1

Avante
BOMBEIRO

ESTADO DA GUANABARA
* SECRETARIA *
CORPO DE BOMBEIROS



AVANTE BOMBEIRO!

ANO I ★

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1951

★ N.º 1

APRESENTAÇÃO

H
E
N
R
I
Q
U
E

S
A
D
O
K

D
E

S
Á

CORONEL
COMANDANTE

NO afã de produzir tudo que a minha capacidade e dedicação pudessem dar em prol da eficiência e do bom nome desta Corporação, senti, no turbilhão de idéias que me acorreram logo que assumi o Comando do C.B. do D.F., honrado que fui com a confiança do Exmo. Sr. Presidente da República, a necessidade da fundação ou melhor da impressão de uma revista que não somente difundisse conhecimentos técnicos de interesse da Corporação, como também que contribuisse decisivamente para avivar, cada vez mais, o fogo sagrado do entusiasmo, do patriotismo e das excelsas tradições do Corpo de Bombeiros do D. F. irmanando lealmente seus componentes entre si, e devotadamente com a população da Capital da República.

Reminiscências históricas, patrióticos serviços prestados, dias de glórias, etapas de progresso, justas homenagens a bandeiras do passado e sacrifícios de toda natureza, até os da própria vida, serão focalizados em nossos números.

Penso não ter sido de todo infeliz a escolha do nome "AVANTE BOMBEIRO !" que bem define os nobres desígnios da nossa Corporação.

Contamos com a indulgência dos camaradas, amigos e demais leitores para a modestia dos nossos trabalhos, mormente quanto ao primeiro número, preparado que foi, em poucos dias para aproveitar a data de hoje como a mais indicada para o lançamento de "Avante Bombeiro !".

Convidei para dirigir esta nossa despreziosa revista o Major da reserva do Exército Francisco Cavalcanti de Albuquerque um dos meus mais dedicados colaboradores no comando e administração do Corpo de Bombeiros como já o foi ao tempo do nosso muito saudoso Cel. Aristarcho Pessoa. A êsse digno auxiliar que exerce atualmente as funções de sub-diretor do ensino e diretor do "Curso Elementar" cabe a maior dose do esforço para que a nossa revista se tornasse uma realidade.

Parabéns a todos os meus comandados e os meus agradecimentos ao Major Francisco Cavalcanti de Albuquerque.

COMO NASCEU O ÓRGÃO OFICIAL DO CORPO DE BOMBEIROS

AVANTE BOMBEIRO!

ANO I - JULHO DE 1951 - N.º 1

“**T**enão este comando deliberado que, para maior realce das comemorações da data da fundação do Corpo de Bombeiros, seja impressa uma revista anual com a denominação **AVANTE BOMBEIRO!**, designo o major Francisco Cavalcanti de Albuquerque, subdiretor do Ensino, auxiliado pelo capitão José de Moraes, sem prejuízo das funções que exercem, para se encarregarem da confecção do primeiro número a ser distribuído no dia 2 de julho do corrente ano. Os elementos desta Corporação que desejarem colaborar nesta revista deverão apresentar seus trabalhos ao oficial encarregado até o dia 30 do mês em curso”.

Do boletim interno de 11 de maio de 1951.

*

Eis no laconismo puro e simples como o são tôdas as ordens militares a missão que me foi confiada. Procurei corresponder a honra de bem servir ao ilustre comandante e à corporação que, num curto espaço de tempo, já recebeu os influxos da brilhante visão de administrador que é o sr. Cel. Sadok de Sá. Convence-me a idéia de que em futuro não distante as gerações de novos bombeiros ao relerem estas páginas e muitas outras que hão de vir terão orgulho de pertencer ao Corpo de Bombeiros; sentirão as mesmas alegrias; viverão os mesmos sacrifícios e dramas dos que hoje respeitam as suas tradições e quem elevá-lo cada vez mais no conceito da população do Rio de Janeiro. Como responsável maior não me posso furtar ao dever de agradecer ao cap. José de Moraes pela prestimosa colaboração que me foi dada como compilador das reminiscências históricas que ilustram esta revista. Eis o

AVANTE BOMBEIRO!

FRANCISCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

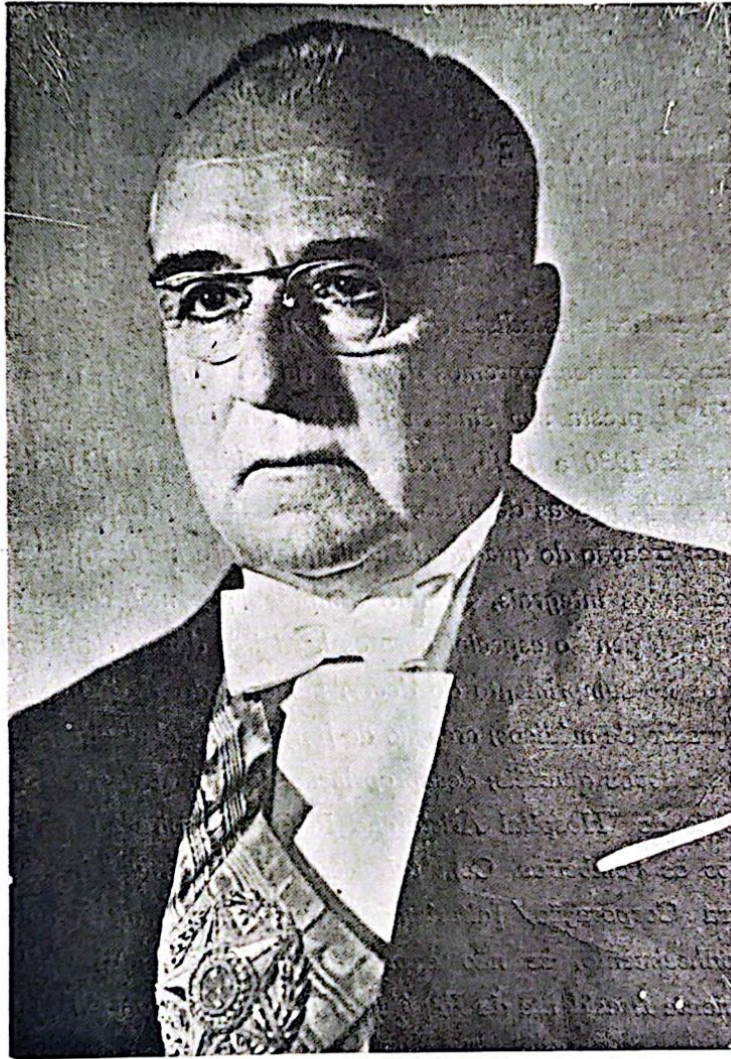
Major

Sumário

GETÓLIO DORNELES VARGAS ..	3 - 4
FRANCISCO NEGRAO DE LIMA ..	5 - 6
HENRIQUE SADOK DE SÁ	7 - 8
ARISTARCHO PESSOA	9 - 10
CHEFES DE ESTADO DO BRASIL DESDE 1856	11
MINISTROS DA JUSTIÇA DESDE 1856	11 - 12
COMANDANTES DO CORPO DESDE 1856	13
COMPANHEIROS MORTOS NO CUMPRIMENTO DO DEVER ..	15
APRESENTAÇÃO — Cel. Henrique Sadok de Sá	17
VIDA DE SOLDADO — Cel. Alta- mirão Fonseca Braga	19
DOIS DE JULHO — Professor Assis Brasil	20
HINO DO CORPO DE BOMBEIROS	21
ARISTARCHO PESSOA — Major Francisco Cavalcanti de Albuquerque	22
A ESTRÉIA DE UM REPÓRTER — H. Dias da Cruz	25
SALVAMENTOS	26
RELEMBRANDO... ..	30
ENSINO E EDUCAÇÃO CÍVICA — Major Jonathas Rocha	31
AS CORPORAÇÕES DE BOMBEI- ROS E A GUERRA TOTAL — Major Itiberê Gouveia do Amaral	35
ANDRÉ CARRAZZONI NA DIREÇÃO DE “A NOITE”	36
UM SIMBOLO DA CORPORAÇÃO	37
ESCOLA DOIS DE JULHO — Cap. Médico Alfredo Machado Tôrres	38
O INCÊNDIO DA BARCA “TERCEIRA”	42
DOS ARQUIVOS DO CORPO DE BOMBEIROS — Cap. José de Moraes	45

EXPEDIENTE

Direção: Secretaria do Corpo de Bombeiros
Praça da República, 45 — Telefone 22-4455
Rio de Janeiro



DR. GETÚLIO DORNELES VARGAS

Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil

HOMENAGEM

A O eminente estadista que, por vontade expressa do povo brasileiro voltou aos supremos destinos da Nação, AVANTE BOMBEIRO! presta sua sincera homenagem. De S. Excia., no governo de 1930 a 1945, receberam os soldados do fogo as mais inequívocas provas de afeto, consubstanciadas na lei do montepio militar; criação do quadro de aspirantes; reforma das praças, com vencimentos integrais, quando atingidas por mal contagioso ou incurável; pensão especial para os herdeiros dos soldados e cabos mortos no cumprimento do dever; aumento do efetivo; ampliação do quadro de médicos; criação de funções especializadas; construção de novos quartéis; desapropriação do imóvel destinado à instalação do "Hospital Aristarcho Pessoa", aspiração máxima de todos os bombeiros. Com tal acervo de benefícios prestados à nossa Corporação, faltariamos ao mais elementar dever de reconhecimento, se não expressássemos profunda gratidão ao eminente Presidente da República, Dr. Getúlio Dorneles Vargas.



DR. FRANCISCO NEGRÃO DE LIMA
Ministro da Justiça e Negócios Interiores

*N*ÃO é a primeira vez que o ilustre homem público é chamado a desempenhar o elevado cargo de Ministro da Justiça, pasta a que está subordinado o nosso Corpo. Pelos méritos de S. Excia., as mais importantes funções administrativas lhe têm sido atribuídas, exercendo-as sempre com inexcédível dedicação e brilho. Pelos serviços que S. Excia. já nos prestou, mormente na sua atual gestão, significativa homenagem receberá na nossa data aniversária, com a aposição do seu retrato no gabinete do comando.



CORONEL HENRIQUE SADOK DE SÁ
Comandante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal

COM relevantes serviços prestados ao Exército, foi, pelo Exmo. Sr. Presidente da República, designado para comandar a nossa Corporação. Logo após a vitória da revolução de 1930, da qual participou, foi o Cel. Sadok de Sá escolhido para integrar o gabinete do Dr. Afrânio de Melo Franco, Ministro das Relações Exteriores e mais tarde, regressando ao Exército, ocupou as mais destacadas funções como comandante do Forte Duque de Caxias, Fortaleza de Santa Cruz e anteriormente as de subcomandante do 9.º R. A. M., em Curitiba, e do Forte de Copacabana. Na sua brilhante fé de ofício, conta cerca de cem elogios, o que demonstra bem o seu mérito no nosso glorioso Exército. Tomou parte saliente na debelação dos movimentos comunistas de 1935 e integralista de 1938, sendo que neste último, foi o primeiro oficial à frente de sua tropa, a acorrer em defesa do Presidente Getúlio Vargas, quando os rebeldes cercaram o Palácio Guanabara.

Ao ser chamado para comandar o nosso Corpo, exercia as funções de adjunto da Comissão Mixta Brasil-Estados Unidos. Nos poucos meses de sua administração, o Corpo de Bombeiros já recebeu os influxos de sua notória capacidade de trabalho, observados nos melhoramentos de envergadura introduzidos em todos os quartéis, para maior eficiência dos serviços e conforto do pessoal, numa radiante promessa dos benefícios que os bombeiros irão usufruir na sua gestão. Possui as seguintes condecorações: medalha de prata por 20 anos de bons serviços, medalha de guerra, ordem do mérito do Paraguai e cavaleiro da corôa da Itália.



CORONEL ARISTARCHO PESSÔA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

FOI o grande comandante do Corpo de Bombeiros. Atuando de forma destacadíssima na revolução de 1930, chefiando as forças de Minas Gerais, convidou-o o Chefe do Governo Provisório, Sr. Getúlio Vargas, para comandar o nosso Corpo, assumindo as funções a 15 de dezembro de 1930, nelas permanecendo até 29 de outubro de 1945, quando, solidário com o chefe e amigo, numa atitude de coerência e lealdade, retirou-se para a vida particular. Tão relevantes foram os serviços prestados pelo ilustre militar, que a sua memória será eternamente reverenciada por nós e para que permaneça sempre na nossa lembrança e das gerações vindouras, os bombeiros o imortalizaram na sua maior conquista que é o "Hospital Aristarcho Pessoa". Dêsse vulto inconfundível, AVANTE BOMBEIRO! estampa um artigo especial.

CHEFES DE ESTADO DO BRASIL DESDE 1856

D. Pedro II. Imperador	7- 9-1822 a 15-11-1889
Marechal Deodoro da Fonseca. Chefe do Governo Provisório	15-11-1889 a 15-11-1891
Marechal Deodoro da Fonseca. 1.º Presidente	25- -1891 a 15-11-191
Marechal Floriano Peixoto. 2.º Presidente	15-11-1891 a 15-11-1894
Dr. Prudente de Moraes, 3.º Presidente	15-11-1894 a 15-11-1898
Dr. Campos Sales. 4.º Presidente	15-11-1898 a 15-11-1902
Dr. Rodrigues Alves. 5.º Presidente	15-11-1902 a 15-11-1906
Dr. Afonso Pena. 6.º Presidente	15-11-1906 a 14- 6-1909
Dr. Nilo Peçanha. 7.º Presidente	14- 6-1909 a 15-11-1910
Marechal Hermes da Fonseca. 8.º Presidente	15-11-1910 a 15-11-1914
Dr. Venceslau Braz. 9.º Presidente	15-11-1914 a 15-11-1918
Dr. Rodrigues Alves. 10.º Presidente	15-11-1918 a 15- -1918
Dr. Epitácio Pessoa 11.º Presidente	15-11-1910 a 15-11-1922
Dr. Arthur Bernardes 12.º Presidente	15-11-1922 a 15-11-1926
Dr. Washington Luiz. 13.º Presidente	15-11-1926 a 31-10-1930
Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Gov. Provisório	31-10-1930 a 16- 7-1934
Dr. Getúlio Vargas. 14.º Presidente	16- 7-1934 a 29-10-1945
Ministro José Linhares, Presidente Provisório	29-10-1945 a 10- 1-1946
General Eurico Gaspar Dutra. 15.º Presidente	10- 1-1946 a 24- 2-1951
Dr. Getúlio Vargas — 16.º Presidente	31- 1-1951 - -

MINISTROS DA JUSTIÇA DESDE A ORGANIZAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS A 2 DE JULHO DE 1856

José Thomaz Nabuco de Araujo	6- 9-1853
Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos	4- 5-1857
José Thomaz Nabuco de Araujo	12-12-1858
<i>Bomão</i> — Visconde de Muritiba	10- 5-1859
João Lustosa da Cunha Paranaguá	10- 8-1859
Francisco de Paula Negreiros Saião Lobato	2- 3-1961
Francisco José Furtado	24- 5-1862
Visconde de Maranguape	30- 5-1862
João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú (interino)	8- 1-1863
João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú (efetivo)	9- 2-1863
Zacarias de Góis e Vasconcelos	15- 1-1864
Francisco José Furtado	31- 8-1864
José Thomaz Nabuco de Araujo	12- 5-1965
João Lustosa da Cunha Paranaguá	3- 8-1965
Antonio Francisco Ribeiro de Aldrade	27-10-1868
Joaquim Otávio Nébias	19- 1-1870
Visconde de Muritiba	9- 6-1870
Visconde de Jaguarí	29- 9-1870
Visconde de Niterói	7- 3-1871
Manuel Antonio Duarte de Azevedo	20- 4-1972
Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque	25- 6 1875
Francisco Januário da Gama Cerqueira	5- 2-1877
Lafayette Rodrigues Berelra	5- 1-1878
Manuel Pinto de Souza Dantas	23- 3-1880
Rodolfo Epifânio de Souza Dantas	21- 1-1882
Manuel da Silva Mafra	3- 2-1882
João Ferreira de Moura	3- 2-1882
Francisco Prisco de Souza Paraíso	24- 5-1883
Francisco Maria Sodré Pereira	6- 6-1884
Afonso Augusto Moreira Pena	6- 5-1885
Joaquim Delfino Ribeiro da Luz	20- 8-1885

Samuel Wallace Mac-Dowell	6- 6-1886
Antonio Ferreira Viana	10- 3-1888
Francisco de Assis Rosa e Silva	5- 1-1889
Cândido Maria de Oliveira	7- 6-1889
Manuel Ferraz de Campos Sales	15-11-1889
Henrique Pereira de Lucena — Barão de Lucena	22- 1-1891
Antonio Luiz Afonso de Carvalho	22- 5-1891
José Higinio Duarte Pereira	23-11-1891
Fernando Lôbo	10- 2-1892
Cassiano do Nascimento	7-12-1893
Antonio Gonçalves Ferreira	15-11-1894
Alberto de Seixas Martins Tôrres	30- 8-1896
Amaro Cavalcanti	9- 1-1898
Epitácio da Silva Pessoa	15-11-1898
Sabino Barroso Júnior	6- 8-1901
José Joaquim Seabra	15-11-1902
Félix Gaspar de Barros e Almeida	1- 4-1906
Augusto Tavares de Lira	15-11-1906
Esmeraldino Olímpio de Tôrres Bandeira	18- 6-1909
Rivadavia da Cunha Correia	15-11-1910
Uladislau Herculano de Freitas	11- 8-1913
Carlos Maximiliano Pereira dos Santos	15-11-1914
Urbano Santos da Costa Araujo	15-11-1918
Alfredo Pinto Vieira de Melo	28- 6-1919
Joaquim Ferreira Chaves	12- 9-1921
João Luiz Alves	15-11-1922
Afonso Pena Júnior	23- 1-1925
Augusto Viana do Castelo	15-11-1926
Afrânio de Melo Franco	24-10-1930
Oswaldo Euclides de Souza Aranha	3-11-1930
Joaquim Maurício Cardoso	7-12-1931
Afrânio de Melo Franco	16- 9-1932
Francisco Antunes Maciel	1-11-1932
Vicente Ráo	23- 7-1934
Agamenon Sérgio de Godói Magalhães	7- 1-1937
José Carlos de Macedo Soares	1- 6-1937
Francisco Luiz da Silva Campos	8-11-1937
Alexandre Marcondes Filho (interino)	17- 7-1942
Fernando Antunes (interino)	23- 2-1943
Alexandre Marcondes Filho	28- 2-1945
Agamenon Sérgio Godoy de Magalhães	29- 2-1945
Antonio de Sampaio Dória	30-10-1945
Teodoreto Leite de Almeida Camargo	10- 1-1946
Antonio de Sampaio Dória	31- 1-1946
Carlos Coimbra da Luz	31- 1-1946
Benedito Costa Neto	28- 9-1946
Adroaldo Mesquita da Costa	8-11-1947
Honório Monteiro	1- 4-1950
Adroaldo Junqueira Aires	20- 6-1950
Francisco Bias Fortes	4- 8-1950
Francisco Negrão de Lima	2- 2-1951

Comandantes efetivos e interinos do Corpo de Bombeiros, desde 2 de Julho de 1856



Ten. Cel. de Engenheiros João Batista de
Castro Morais Antas, primeiro comandante
do Corpo de Bombeiros

Major João Batista de Castro Morais Antas	26- 7-1856
Capitão João Inácio da Cunha	1-10-1857
Major Juvência Manuel Cabral de Menezes	20- 9-1859
Major Antonio Pedro Monteiro Drummond	9- 6-1865
Tenente-Coronel Joaquim José de Carvalho	1- 9-1866
Tenente-Coronel Conrado Jacó Nieméyer	12- 1-1876
Major João Soares Neiva (interino)	10- 2-1877
Major Antonio Geraldo de Souza Aguiar (interino)	9-12-1891
Capitão Benevenuto de Souza Nascimento (interino)	1- 1-1892
Tenente-Coronel Antonio Ernesto de Gomes Carneiro	8- 1-1892
Capitão Eugênio Rodrigues Jardim (interino)	28-10-1893
Coronel Francisco de Abreu Lima	4- 4-1894
Coronel Francisco M. de Souza Aguiar	27- 1-1897
Coronel Feliciano B. de Souza Aguiar	27- 7-1903
Major Marciano de Oliveira e Avilla (interino)	28- 6-1912
Coronel Alberto Cardoso de Aguiar	28- 7-1912
Tenente-Coronel João Borges Fortes (interino)	4-11-1914
Coronel Cassiano Ferreira de Assis	21-11-1914
Tenente-Coronel Vicente de Paula Vieira (interino)	16- 3-1915
Coronel Américo de Andrade Almada	13- 4-1915
Tenente-Coronel Carlos A. Bueno de Ormerod (interino)	26-12-1917
Coronel Afonso Fernandes Monteiro	12- 1-1917
Coronel Alfredo Ribeiro da Costa	7-10-1917
Tenente-Coronel Alfredo Carneiro (interino)	10- 9-1920
Coronel João Batista Neiva de Figueiredo	11- 9-1920
Coronel Marciano de Oliveira e Avilla	7- 7-1921
Coronel João Lopes de Oliveira Lirio	27- 7-1923
Major Manuel Tenreiro Correia (interino)	15-11-1926
Tenente-Coronel Ernesto de Andrade (interino)	16-11-1926
Coronel Maximino Barreto	18- 1-1927
Tenente-Coronel José Antonio do P. Pinheiro (interino)	8- 2-1930
Coronel Gustavo Lebon Regis	11- 3-1930
Tenente-Coronel gr. Manuel Gonçalves dos Santos (interino)	9- 6-1930
Coronel José Osório	11- 6-1930
● Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque	27-10-1930
● Coronel Aristarcho Pessoa Cavalcanti de Albuquerque	15-12-1930
Tenente-Coronel João Martins Vieira (interino)	31-10-1945
Coronel Adalberto Pompilio da Rocha Moreira	8- 2-1946
Coronel Augusto Imbassahí	5- 2-1947
Tenente-Coronel Diniz Luiz Nunes Filho (interino)	7- 2-1951
Tenente-Coronel Henrique Sadok de Sá	6- 4-1951

NOSSOS COMPANHEIROS TOMBADOS NO CUMPRIMENTO DO DEVER

Neste primeiro número de Avante Bombeiro! não poderíamos deixar de registrar, com profundo respeito, os nomes dos que ficaram ao longo da interminável estrada, imolados no altar da abnegação e do sacrifício, deixando, para nós outros, os exemplos de destemor e bravura, sobrepujando o próprio instinto de conservação, para escrever, com o seu sangue, as palavras do seu Hino: "...mas não temem da morte os bombeiros, quando ecôa do alarme o sinal..."

Estes são os nossos companheiros, diante de cujos nomes nos prostramos respeitosos e humildes :

Bombeiro n. 156	— Pío Cirilli de Souza	† a 30- 9-1897
" n. 123	— Antonio Luiz Alves de Avellar	† " 29- 4-1898
" n. 139	— Mário Luiz Martini	† " 21- 5-1902
" n. 112	— Manoel dos Santos	† " 20- 5-1904
" n. 449	— Alberto José Vieira Leite Guimarães	† " 29- 7-1905
" n. 633	— Sylvio Pinto de Mello	† " 8- 4-1909
" n. 396	— Estevão dos Santos Fasslotti	† " 22-10-1910
" n. 323	— Luiz Barbosa dos Santos	† " 12- 6-1915
" n. 149	— Júlio Arantes das Chagas	† " 13- 6-1915
" n. 599	— Joaquim da Silva	† " 25-11-1915
" n. 79	— Theóphilo Monteiro Bittencourt	† " 20- 3-1918
" n. 328	— Raul David da Silva Lessa	† " 21- 6-1918
" n. 352	— Lauro Fernandes de Azevedo	† " 9- 2-1921
" n. 824	— Aricy Moura de Carvalho	† " 3- 3-1925
" n. 832	— Orlando Spíndola de Mendonça	† " 24- 8-1925
" n. 78	— Heitor Augusto de Carvalho	† " 26- 8-1925
" n. 517	— Alberto José de Oliveira	† " 29- 6-1932
" n. 424	— Paris Vianna	† " 27-12-1942
" n. 414	— Celestino Zacharias da Silva	† " 12- 7-1943
" n. 1056	— Joaquim Maurício Pinto	† " 10- 1-1945
" n. 216	— Geraldo Ribeiro Dias	† " 6- 7-1945
" n. 1004	— Nelson Américo	† " 6-11-1945
" n. 949	— Arlindo Araujo Silva	† " 20- 9-1946
" n. 1008	— Jorge Alvarenga	† " 21- 3-1947
" n. 1226	— Marino Gomes da Silva	† " 9- 1-1948
" n. 1090	— Hugo Chrisner de Almeida	† " 28- 5-1948
" n. 1197	— Luiz Faustino	† " 14- 2-1950

A êses humildes companheiros, dando a vida para que o Corpo de Bombeiros tenha um lugar no coração do povo, Avante Bombeiro! presta sua homenagem numa expressão que tudo traduz : Reconhecimento e Saudade.

VIDA DE SOLDADO

Cel. Altamiro Fonseca Braga
(do Exército Nacional)

Soldado do Fogo!

Si todos os habitantes desta mui heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro conhecessem ou avaliassem a soma de trabalhos, de sacrifícios e de sofrimentos a que te obrigas diariamente para poderes corresponder à confiança que o povo em ti deposita, talvez tua tarefa tão árdua não fôsse e maior pudesse ser teu rendimento em prol da população.

Principalmente os descuidados e os adptos ferrosos das Festas Juninas precisam bem conhecer-te e muito refletir sôbre as conseqüências funestas que podem advir da sua falta de atenção, atirando a esmo uma ponta de cigarro ou um fósforo aceso, e de seus fugazes prazeres de uma noite de S. João, com seus perigosos foguetes, balões e bombas.

Eles ignoram, por certo, que és um escravo de teus deveres e que tua profissão é um verdadeiro sacerdócio em que, minuto a minuto, expões tua vida em holocausto a um nobre ideal, abnegada e desinteressadamente, apenas no cumprimento devotado de tuas obrigações.

Não sabem eles, igualmente, a gama de requisitos que te são exigidos para que possas ser um verdadeiro "soldado do fogo".

Trabalhar o teu físico e preparar o teu moral, são os princípios cuidados daqueles que te dirigem e te orientam.

Desde o alvorecer até o crepúsculo, teus músculos e teu cérebro são sujeitos aos mais variados exercícios. Mais que qualquer outro soldado, tu deves ter, em alta escala, a *mens sano in corpore sano*.

Coragem, resistência, agilidade, persistência, sangue frio, golpe de vista, rapidez de raciocínio, obediência e disciplina são, entre muitas outras, as principais qualidades e virtudes que necessitas possuir, em o mais elevado grão, para o perfeito desempenho das arriscadas emprêsas em que te engajas.

Talvez tu mesmo, a princípio, não possas bem compreender por que teus superiores, monitores e instrutores, tanto de ti exigem, obrigando-te a penosos esforços, a repetições inúmeras de exercícios que te parecem exagerados e desnecessários, até que atinjas a perfeição em sua execução.

Pensando bem, no entanto, verás quanta razão lhes assiste para assim procederem. No teu batismo de fogo compreenderás de sobejo que, sem o automatismo na realização das ações, sem uma profunda confiança em ti mesmo, sem a perfeita coordenação e sucessão de movimentos, tuas intervenções teriam êxito duvidoso ou, talvez, viessem a fracassar.

É, então, que apreenderás a respeitar e a estimar teus superiores e perceberás que, si a ti cabem, com as mais justas das razões, as glórias pelos resultados materiais que obtens, com eles deves, lealmente, reparti-las, por terem sido, na realidade, os supervisores, os artífices espirituais das tuas jornadas heróicas.

Procura pesquisar os menores atos de teus chefes, principalmente dêsse perfeito comandante que atualmente tens — Coronel Henrique Delfino Sadok de Sá — que, em boa hora o govêrno te deu. Vê com que carinho, com que cuidado, ao par dos trabalhos que te dá, êle se esmera em te cercar de conforto, de recriar-te o espírito, de alevantar-te o moral, empregando, para isso, tôda a sua grande experiência de chefe e o alto conhecimento que tem de tudo quanto te diz respeito.

A tua saúde é o objetivo constante de seus desvelos e de suas preocupações.

Tens uma alimentação farta e sadia, os remédios de que necessitas para que teu corpo se conserve forte e vigoroso, os jogos desportivos e as distrações outras que te permitam espaiar as idéias, afastar de teu pensamento, por algum tempo, tudo que se relacionar com tua labuta quotidiana.

Sua diretriz única, que êle persegue com vontade fixa, inquebrantável, é elevar-te no conceito geral do país, fazer com que te dêem o valor que mereces ter, não consentir que se apaguem, dessa briosa corporação, as tradições gloriosas que orgulhosamente encerra, desde sua criação e que todos os soldados do fogo — oficiais e praças — devem ardentemente desejar conservar e aumentar, si possível, o que conseguirão certamente si, de seus heróicos antecessores, imitarem a dedicação, a abnegação, a coragem e o ilimitado amor que, à sua perigosa e bela carreira, eles devotaram.



Bombeiros dirigindo-se para uma competição esportiva

Dois de Julho

AVIO BRASIL

(Prof. de Direito Público e Sociologia do Corpo de Bombeiros).

NÃO há um único baiano educado na Bahia que não tenha essa data — 2 de julho — na idéia. Ela é a relação dos fatos heróicos mais memoráveis do Brasil, dezoito meses de lutas incessantes pela Independência Brasileira que veio, afinal, em 1824. A 2 de julho de 1823, o general Madeira e suas forças foram expulsos do território e perseguidos até a foz do Tejo.

Antes, feitos inesquecíveis do espírito do brasileiro — tão diferente do atual, que negocia o solo pátrio, que procura vantagens pessoais contra interesses pátrios, que provoca choques internos em obséquio de nações estranhas, e juram não lutariam em favor do seu País contra as tais nações — se desenrolaram na Bahia: Joana Angélica, braços abertos em cruz querendo impedir que a soldadesca infame de Madeira desrespeitasse o seu Convento da Lapa — “só passarão por aqui depois que pisarem sobre o meu cadáver!” — e eles lhe trespassaram o peito à baioneta, e lhe calcaram o corpo sob as suas patas, e invadiram, doidos, a abadia; Maria Quitéria, à frente de uma escolta, batendo-se no Paraguassu, na defesa do solo; Vieira, na tribuna (isto, agora, muito antes, em 1640, mas tudo se concretiza na compreensão baiana como se tivesse acontecido a 2 de julho de 1823) num discurso-oração, pregando a mais eloqüente apóstrofe conhecida na história cristã, orando em nome da Virgem Santíssima para que os holandeses não invadissem a Bahia, e não a invadiram na sua época.

Dois de Julho é uma data que não há baiano educado na Bahia que lhe não tenha guardada na memória.

N Distrito Federal, 2 de julho assinala o aniversário do seu Corpo de Bombeiros. Um baiano que faz parte dessa Corporação não pode, nunca, esquecer-lhe o natalício. As datas se ligam, e enquanto aquela, primeira faz lembrar Labatut, Lord Cocrane e Lima e Silva, está última, lembrada por aquela, memora a vida que também se pode dizer gloriosa, do Corpo de Bombeiros.

Mas, não vamos a cronologias. As cronologias são almas envelhecidas, que falam sem cantar. São vozes do Passado dindalando momentos em que os fatos se deram. Elas não têm a música das sonatas que as narrativas imprimem no pensamento, mostrando-nos os acontecidos como se eles estivessem acontecendo novamente...

Assim, não interessa dizer que esta Corporação nasceu há quase cem anos, quando uma labareda derubando um prédio de dois andares era uma novidade, e toda a população da redondeza corria de baldes e de bacias com água, no intuito de extinguir o fogo,

mas lhe dando, apenas, estado de morte aparente, porque êle se emergia, após, com a violência do indivíduo que recebeu uma bofetada, e se levanta furioso... Nasceu, a Corporação, para apagar incêndios. A Cidade, porém, foi crescendo e os perigos naturais lhe foram cercando a fisionomia: um simples homem que pretendia avistar a Guanabara e escalou o Corcovado, e se despenhou pelos galhos das árvores, lá se mandava, e ainda se envia, a turma estóica dos soldados do fogo, à cata do excursionista infeliz; se um edifício desaba e se presumem vidas sob os escombros, lá se vão os soldados do fogo levantar os tijolos, puxar os ferros armados de cimento que caíram, para salvar as vidas que ali se devem encontrar; se algum perigo de qualquer espécie material ameaça alguém, é do telefone do Corpo de Bombeiros que todos se lembrar, imediatamente, e logo a escolta corre para livrar.

Em tempo de paz, emfim, são os bombeiros os defensores máximos da população. Os riscos a que se expõem diariamente, para socorrer os outros, remoção ou extinguindo perigos, constituem permanentes atos de bravura, que deveriam fazê-los respeitados pela consciência coletiva, de forma tão eloqüente como êsse sacrifício a que, agora mesmo o País, ou melhor dito, o Mundo inteiro assistiu, do médico Laureano, dedicando seus últimos dias de vida a uma campanha que levantou em prol dos seus compatriotas. Cada bombeiro que, destemido, esquecendo que em sua casa tem mulher e filhos a espera do socorro do seu trabalho, galga vinte andares de um edifício para descer de lá com uma criança, uma mulher, ou um homem, nos braços, é um laureano apenas anônimo, esquecido de si esmo para se lembrar do próximo! E a população toda tem, pois, o dever de respeitar êsses homens que diariamente estão correndo em sua defesa.

Acredito que o sr. cel. Sadok de Sá, atual comandante do Corpo de Bombeiros, quando revestiu a sua posse de uma imponência há muitos anos não vista na Corporação, atraindo autoridades as mais elevadas, imprensa e até cinegrafia, não teve outro intuito se não o de postá-la no nível que merece, chamando a atenção de todos para ela, a fim de soerguê-la convenientemente. Quando levou para ali o sr. Ministro da Justiça, naturalmente pensou em despertar-lhe o pensamento para a Corporação, em voltar-lhe as vistas para essa casa e êsses homens, e, com a sua força junto ao Chefe do Executivo, levantar o Corpo à eloqüência dos serviços que êle presta à Cidade, defendendo-a diariamente, como ninguém, como nenhum outro serviço público.

HINO DO CORPO DE BOMBEIROS

Letra do Ten. Sérgio Luiz de Mattos
Música do Ten. A. Pinto Júnior

*Contra as chamas em lutas ingentes,
Sob o nobre e alvi-rubro pendão,
Dos soldados do fogo valentes,
E' na paz, a sagrada missão.
E se um dia houver sangue e batalha,
Desfraldando a auri-verde bandeira,
Nossos peitos são férreas muralhas,
contra audaz agressão estrangeira.*

*Missão dupla o dever nos aponta :
Vida alheia e riquezas salvar
E, na guerra, punindo uma afronta,
Com valor pela Pátria lutar.*

*Auri-fulvo clarão gigantesco !
Labarédas flamejam no ar !
Num incêndio horroroso e dantesco,
A cidade parece queimar !
Mas não temem da morte os bombeiros
Quando ecôa d'alarme o sinal,
Ordenando voarem ligeiros,
A vencer o vulcão infernal.*

Missão dupla, etc.

*Rija luta aos heróis aviventa,
Inflamando em seu peito a tormenta !
Para frente ! Que importa a tormenta !
Dura marcha ou de sóis o rigor ?
Nem um passo daremos atrás,
Repelindo inimigos canhões !
Voluntários da morte na paz,
São na guerra indomáveis leões.*

Missão dupla, etc.

*ferrea muralha e não férreas
muralhas
Seo Geral, 18 Nov 67
Lein Valente - Maj
Supervisor do Reg. Geral*

Aristarcho Pessoa

*Major Francisco Cavalcanti
de Albuquerque.*

Um chefe honesto, incansável na ação, enérgico nas atitudes, merece o respeito dos seus subordinados, dignifica-se para a posteridade e deve ser apontado às gerações futuras como particular exemplo de civismo". Assim nos referíamos, há dez anos, à figura sempre lembrada do Coronel Aristarcho Pessoa, em breve estudo do decênio de sua administração no Corpo de Bombeiros. Agora, poderíamos acrescentar haver deixado um traço inapagável na existência da corporação a que tanto amou, pela capacidade de trabalho e admirável senso de administrador. Foi sem dúvida uma nobre figura de cidadão, um verdadeiro patriota, e dificilmente a sua ação benéfica pelo Corpo poderá ser superada no futuro. Nascido em 4 de agosto de 1879, em Umbuzeiro, na Paraíba, berço de seu cminente tio Epitácio Pessoa e de seu irmão o bravo João Pessoa, forjou seu temperamento nas vicissitudes e nas privações geradas na inclemência das sêcas nordestinas. Bem cedo deixou-se fascinar pela carreira das armas, vindo para o Rio de Janeiro verificar praça com destino a Escola de Guerra. Na sua longa vida de militar enfrentou os mais difíceis e perigosos encargos, tendo recebido inúmeros ferimentos na Campanha do Contestado, ferimentos que são sempre condecorações a atestar a bravura de um soldado. Tomou parte saliente na revolução de 1930, na chefia das forças militares de Minas Gerais em conjunção com as da Paraíba e do Rio Grande do Sul. Terminado o movimento e assumindo o sr. Getúlio Vargas o mando supremo da nação, foi convidado pelo eminente brasileiro a comandar o Corpo de Bombeiros, não sem muita relutância e após reiteradamente instado pelo Chefe do Governo Provisório. Inicia-se então a grande obra realizadora de Aristarcho Pessoa na corporação dos soldados do fogo. Desde logo, já votado o orçamento para 1931, ainda no governo Washington Luiz, e dentro dos propósitos que animavam os novos dirigentes do país, reduziu as verbas em mais de 40%, afiançando que ainda assim seria capaz de apresentar um saldo no fim do exercício financeiro, não obstante haver encontrado um depósito de Cr\$ 40.775,20 e dívidas a pagar no montante de Cr\$ 100.000,00. Com esta orientação que lhe era peculiar pôde, ao passar o comando ao seu sucessor direto em 30 de outubro de 1945, deixar nos cofres da repartição a vultosa soma da Cr\$ 4.514.902,70, tudo graças a um critério honesto na aplicação dos bens públicos. Apesar das economias realizadas, foi na sua gestão que o Corpo de Bombeiros sofreu o



Busto do Cel. Aristarcho Pessoa, no hospital que tem o seu nome, mandado erigir pelos seus antigos comandados, em reconhecimento pelos benefícios prestados à Corporação.

maior surto evolutivo desde a sua fundação, a ponto de um Ministro de Estado afirmar certa vez: "o cel. Aristarcho faz milagres na sua administração". Ainda recertemente o ilustre prefeito do Distrito Federal João Carlos Vital em visita aos bombeiros referia-se à administração do saudoso militar como a do "verdadeiro remodelador da corporação". São conceitos que bastam para comprovar a ação construtiva de quem hoje poderia ser considerado, com justiça, o patrono do Corpo de Bombeiros. Como conseguiria esse notável comandante realizações de tamanho vulto, dentro dos mais rigorosos preceitos de economia? Há entre muitas, uma pequena minudência que tudo explica. É praxe nas administrações militares nada se fornecer para atender as necessidades do serviço, sem um pedido por escrito. Diariamente chegavam a sua mesa de trabalho, dezenas e às vezes centenas desses pedidos para serem examinados e visados. Juntava-os em maço e sem se deter um segundo ia apondo sua rubrica em alguns, separando outros. Por fim restituía os que haviam merecido aprovação e para os demais ou punha uma observação de advertência ou chamava os responsáveis pela origem do pedido, sendo comum ouvi-lo dizer: "capitão, há menos de um mês, sua companhia recebeu o que o senhor hoje pede, não se justifica portanto novo fornecimento." Evidenciava-se assim que a sua memória era assombrosa e contribuía para que nada lhe passasse desapercibido, permitindo somente despesas imprescindíveis. Nos quartéis que mandou construir e que foram muitos, nas ampliações e remodelações dos existentes, era sempre o fiscal de obras com pleno conhecimento da qualidade do material empregado e dos gastos. Desde o amanhecer era visto no seu posto, inspecionando a instrução, repartições, oficinas e serviços, e desta forma realizou empreendimentos, que tornaram o Corpo de Bombeiros modelar. Porém, a sua ação não se li-

mitou ao campo do desenvolvimento material da corporação, dedicou-se igualmente e de forma ampla a assistência social dos seus comandados. Conseguiu dos poderes públicos a lei do montepio militar; melhorou a educação dos bombeiros, mediante reformas no ensino; pleiteou e obteve pensão especial para os herdeiros dos cabos e soldados mortos no cumprimento do dever e mais o direito à reforma com todos os vencimentos para os atingidos por moléstias incuráveis e contagiosas. Contudo ainda restava-lhe tempo para dedicar-se à infância sem recursos, para tanto fazendo construir e doando a Cruzada Nacional de Educação uma escola no morro do Corujá, em São Cristóvão, tida, pelas autoridades, como um modelo. As crianças matriculadas nesse estabelecimento deu assistência médica e instrução física, mandando distribuir medicamentos às que disso necessitavam.

Religioso, mandou erigir uma capela sob a égide de São João de Deus, protetor dos bombeiros, onde estes podem retemperar a alma na fé ardente de um poder supremo. Entretanto o ponto culminante de sua gestão, foi a conquista obtida depois de longos anos de um trabalho fastidioso e lutas incessantes: o hospital do Corpo de Bombeiros. Sente-se pela sua última ordem do dia, que não nos furtamos em transcrever, considerar éle próprio o maior benefício prestado aos seus comandados, desejando que seu sucessor empregasse o saldo que acumulara, na instalação e aparelhamento desse hospital. Eis como se expressou em 30 de outubro de 1945:

"Deixo hoje, voluntariamente, por motivos bem compreensíveis, passando-as ao meu substituto legal ten.-cel fiscal João Martins Vieira, as funções de Comandante desta Corporação, no exercício das quais me encontro desde 15 de dezembro de 1930, cumprindo uma determinação que me foi dada pelo então Chefe do Governo Provisório Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas e que acaba de renunciar ao cargo de Presidente da República.

Ao fazê-lo, não procurei pôr em evidência a minha administração, citando e relembrando tudo o que fiz e procurei fazer em benefício da gloriosa Corporação prestes a completar um século de inestimáveis, abnegados e humanitários serviços à população da Capital brasileira, porque a minha ação foi sempre clara e déla, em todos os momentos, dei conhecimento aos meus comandados, bastando reler todos os boletins por mim assinados para que se faça o juízo conveniente. Desejo entretanto registrar agora uma circunstância que deverá ser sempre lembrada mesmo pelos que procuraram atingir o meu Comando apontando de público irregularidades, más intensões e injustiças. A 15 de dezembro de 1930 encontrei um saldo, na Caixa de Economias, de Cr\$ 40.775,20 e hoje, ao deixar as funções, este saldo se acha elevado a Cr\$ 4.514.902,70 em importância recolhida parte ao cofre e parte depositada no Banco do Brasil. É com verdadeiro orgulho que o declaro, muito embora este fato tenha constituído motivo, entre muitos outros para argumento da campanha dos que não puderam ou não quiseram compreender-me. Tão falho pretexto é para mim uma glória que me deixa tranquilo e consciente do dever cumprido. Se em troca do que tudo fiz pudesse formular um pedido a quem, designado pelo governo, vier suceder-me, seria no sentido de empregar o saldo referido nas ampliações, construção de uma maternidade e pavilhão de isolamento no imóvel desapropriado à rua Santa Alexandrina para servir de Hospital deste Corpo, bem como o Laboratório Qui-

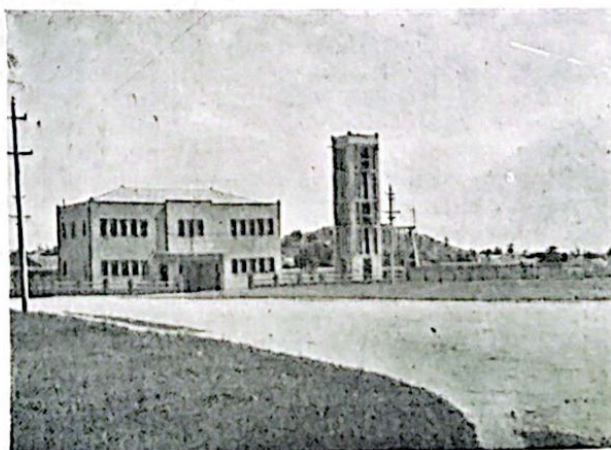


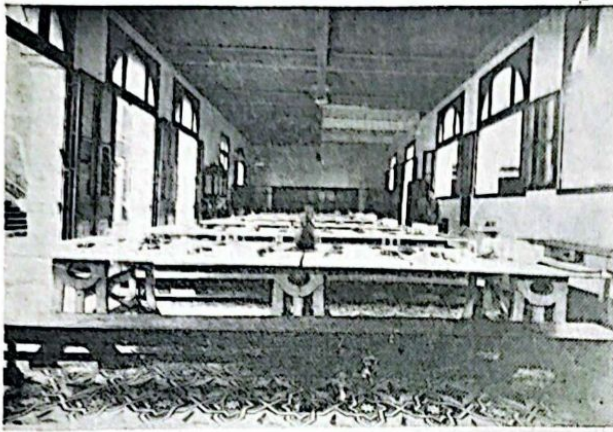
Fachada do "Hospital Aristarcho Pessoa", em Santa Alexandrina



Aspecto do lançamento da pedra fundamental da Maternidade Nair Cavalcanti de Albuquerque, em dezembro de 1945, vendo-se entre os presentes, o Dr. Ruy Carneiro, hoje senador pela Paraíba e que sempre foi um grande amigo do Cel. Aristarcho Pessoa

"Posto Getúlio Vargas", em Santa Cruz, o último dos muitos construídos na administração do Cel. Aristarcho Pessoa.





Aspecto do refeitório das praças, antes da gestão Aristarcho Pessôa



O mesmo refeitório, como deixou o saudoso chefe

mico e obras dos imóveis contíguos ao Quartel-Central também já desapropriados, pois para tanto já o reservara. Aliás a minha única mágua é a de não deixar para os meus comandados êstes empreendimentos, tão necessários como merecidos, em vista do imenso sacrifício dispendido na árdua e perigosa profissão que abnegadamente exercem, muito embora a culpa não me caiba, pois desde 1934 vinha pleiteando das autoridades superiores uma providência nesse sentido e só, há pouco, solucionada. Não levo nem guardarei rancores de ninguém, mesmo dos que, em algumas oportunidades, se mostraram refratários às minhas ordens e ao regulamento. Finalmente a todos os oficiais, sargentos, cabos e soldados, professôres, empregados e operários civis desta corporação faço os meus louvores, apresentando os meus agradecimentos pela colaboração a mim prestada ao que atribuo a maior parte da eficiência de meu Comando, cumprindo-me destacar pela elevada compreensão de deveres, dedicação, lealdade do que deram provas sobejas e inúmeras os Tens. Cels. João Martins Vieira, Fiscal, Dr. Leão Camillo de Moura Estevão, Diretor do S. S., Majores Diniz Luiz Nunes Filho, Diretor da Assistência do Material, José Fulgêncio da Silva Filho, Diretor da Contadoria, Capitães Emilio Carlos Schneider, Secretário, Cypriano dos Santos, Gabriel da Silva Telles, Armando de Moura, êstes

Cmts. de Zona, Major Jonathas Salathiel Dias da Rocha, Diretor do Ensino, Cap. Manoel da Costa Guimarães, Pagador, 1.º Ten. Augusto Baptista Lage, Auxiliar do Engenheiro e Encarregado do Tráfego, Cap. Dr. Sebastião da Silva Campos, Chefe da Farmácia, 1.º Ten. Herodoto Pereira, Dentista, 1.º Ten. Geraldo Ferreira Girão, Sub-Secretário, e Engenheiro Civil Sylvio Neves de Moura, Desenhista. Embora não se tratando de funcionários ligados diretamente à corporação, não podia deixar de mencionar o sr. Ary Ferreira Horta, Contador Seccional junto a êste Corpo e seus dignos auxiliares que sempre se fizeram notar pelas nobilitantes qualidades de ótimos servidores da Fazenda Nacional, contribuindo de forma nítida para que os trabalhos de contabilidade desta Corporação fôssem aceitos sem reservas pelas autoridades superiores”.

Nas palavras iniciais dêsse boletim ressaltamos as razões que o levaram a afastar-se adrutamente da vida pública. Solidário com o Dr. Getúlio Vargas que na véspera renunciará por fôrça do 29 de outubro, julgou-se no dever de não mais permanecer no cargo que lhe confiara o eminente brasileiro, comprovando um sentimento de lealdade que era um dos característicos de seu temperamento. Eis o significado daqueles “motivos bem compreensíveis”.

No comando do Cel. Aristarcho Pessôa, a mão de obra das construções, era do próprio Corpo. Assim os empreendimentos eram realizados com grande economia para os cofres públicos. Ei-lo fiscalizando os serviços de construção no Posto Getúlio Vargas



Era um bom, e, embora dotado de uma energia férrea não tolerando a indisciplina, não permitia a prática de violência.

Quando na chefia das forças rebeladas de Minas Gerais ocorreu um episódio que bem define o quanto lhe repudiava a prepotência e o crime.

Dominada a resistência heróica do 12.º R. I. foi assassinado no interior do quartel um oficial da polícia estadual major Bragança que lá se acolhêra por divergir dos revolucionários, e segundo versões, a mando de outro oficial superior da Força Pública.

Sabedor desse crime, dirigiu-se o Cel. Aristarcho ao Governador Olegário Maciel exigindo abertura de rigoroso inquérito e punição dos culpados, sob pena de abandonar a causa revolucionária já vitoriosa. Não satisfeito, ao iniciar a marcha para o Rio e querendo o oficial suspeitado participar da coluna, deu ordens terminantes para que não o fizesse e isso sucedeu. Não pode haver prova mais positiva de que o inolvidável Coronel prezava a justiça, exigindo, mesmo para os vencidos um tratamento que se coadunasse com a dignidade humana. Tal proceder mereceu de dois filhos do major Bragança, oficiais do Exército, um dos quais trucidado pelos comunistas no levante da Escola de Aviação, em 1935, um eterno reconhecimento. Para este homem, que pela grandêsa da alma, honradês ilibada; amor ao trabalho e patriotismo, "apontamos às gerações futuras como particular exemplo de civismo", há uma dívida ainda não resgatada. Até hoje os comandos que o sucederam não satisfizeram o pedido formulado na sua última ordem do dia: a construção duma maternidade e dum pavilhão de isolamento no hospital da corporação, embora para isso tivesse deixado os meios necessários. Chegou-se a lançar a pedra fundamental da "Maternidade Nair Cavalcanti de Albuquerque" que por vontade expressa de seus subordinados perpetuaria o nome de sua digníssima esposa, senhora de virtudes excepcionais,



O Cel. Aristarcho Pessoa ao lado do busto do Duque de Caxias, que mandou erigir no Quartel Central, em homenagem ao mais ilustre soldado do Brasil.

e nada mais se fêz. É um dever a cumprir, sem o que receberemos um dia a pecha de ingratos e quiçá indignos de reverenciar a memória do cidadão que para nós foi o maior benfeitor do Corpo de Bombeiros.

A ESTRÉIA DE UM REPÓRTER

H. DIAS DA CRUZ

Foi num incêndio que fizemos a nossa estréia de "fóca". Lembramo-nos que o "belo horrível", o "sinistro espetáculo das chamas", se deu na rua 1.º de Março. No tempo — e como êle passou! — era hábito o trote. O autor do que sofremos foi o enxundioso e bom Paranhos, do "Jornal do Brasil". Chegamos e, escusamos de dizer, ficamos a olhar as chamas, o trabalho dos bombeiros, o esticar de mangueiras, enfim, deixamo-nos empolgar pelo cenário deveras impressionante. Esqueceramos de tomar as notas. A notícia era para um matutino. Quando despertamos da nossa estupefação, quase não restava tempo para a escrevermos. Repórter de polícia naquele tempo, escrevia sôbre a mesa do primeiro botequim que se encontrava. Assim foi. Na nossa humildade de "fóca", ficamos entre os pelancas, muito encolhido. Paranhos ditava as notas. Deu tudo trocado. Uma "barriga"! Mas, parece, que

há um santo para os "focas". Já na redação, tivemos o estalo na cabeça. E telefonamos para o Corpo de Bombeiros. Lá estava o Capitão Ferreira, o maior amigo dos repórteres. E êle além de outras novidades, nos alertou: o fogo, tudo indicava, fôra ateado propositalmente! E dei o furo espetacular!

No dia seguinte, na Associação Brasileira de Imprensa, então, ainda na rua da Asembléia, todos queriam saber como tiveramos a informação. Afundamo-nos na vaidade. Ocultei. Quero, agora, passado tantos anos, nestas notas ligeiras, homenagear a memória do boníssimo Capitão Ferreira, sempre por nós, repórteres policiais, considerado repórter honorário. Êle sabia condensar na sua gentil maneira de lidar conosco todo o espírito de cooperação que sempre há entre jornalistas e o pessoal do Corpo de Bombeiros.

SALVAMENTOS, QUALIDADES INDISPENSÁVEIS AO BOMBEIRO PARA CUMPRIR ESSA MISSÃO

Ten. Cel. Octavio da Silva Costa

Professor da Escola para Sargentos

S AO a fase mais importante dos mistérios afetos a nossa profissão, o ponto culminante da nossa razão de ser como corporação organizada.

Porém, dada a complexidade do tema, pelas suas diferentes modalidades, exigindo cada uma, capítulos e estudos diferentes, enumerarei aqui todos os ramos desta matéria, sem contudo, pretender estudá-los de afogadilho ou analisá-los em massa.

Constituindo cada capítulo um estudo especial, deter-me-ei abordando a parte mais importante do problema, sem, todavia, esquecer que os nossos hinos e canções encontram as suas melhores estrofes no altruístico, difícil e humanitário problema do salvamento.

Salvar, é nossa missão principal; é para esse fim que trabalhamos, quotidianamente; é para esse fim que nos mantemos alertas durante o dia e vigilantes durante a noite.

Ha uma singularidade extraordinária: tôdas as instituições, quer públicas, quer particulares, têm a sua hora de repouso; têm o seu período de alheamento ás suas atividades diurnas ou noturnas; diminuem ou cessam suas responsabilidades ao término de cada noite, ou término de cada dia; enfim, encerram suas portas ao cabo de cada jornada.

Uma instituição existe, onde o fim do labor diurno é o início do labor noturno. A mesma composição, os mesmos órgãos de trabalho, mantem-se inalteráveis e prontos ao cumprimento do dever; correndo a acudir o grito de socorro, parta da choupana, ou palácio, ao meio dia ou a meia noite, sob a inclemência do Sol, ou sob a impenitência da chuva; tudo se move num arranco, sem contar com a fatalidade que, muitas vezes, arma as suas emboscadas nas curvas dos caminhos.

A esse primeiro arranco, mesmo dentro das horas caladas da noite, tudo funciona, desde o homem que labutou ininterruptamente, do albor da aurora ao crepúsculo da noite, zelando pelo engrandecimento da instituição e pela defeza da Pátria, até o seu mais humilde soldado.

Ressóa no ar uma estrofe...

"Vida alheia e riquezas salvar" !...

Por esta nobre, dura e difícil missão, nos mantemos vigilantes, noite e dia, de portas abertas, porque nem portas para fechar possuem os nossos quartéis.

O nosso tema é Salvamentos.

Como disse anteriormente, esse tema é complexo e pode ser dividido em dois grandes ramos:

Salvamentos {
na Guerra
na Paz

Ambos os ramos nos estão afetos. Entretanto, cuidaremos de uma parte do primeiro, por ser graças a Deus, Todo Poderoso, o único que nos tem afetado constantemente. Embora o segundo ramo, chamado "Defesa passiva" não deva ser olvidado de nossas cogitações.

O ramo que vamos estudar, abrangerá somente o salvamento de pessoas em iminente perigo de vida, forçando-nos, por isto, a nos deter em dois pontos principais:

a) elementos de salvação, b) qualidades indispensáveis ao indivíduo para executar a missão.

Concluimos que, do estudo destes dois elementos, teremos que abranger as diversas modalidades de seu emprêgo, bem como as circunstâncias ocasionais, em que ocorra a intervenção.

Consultando os grandes mestres da profissão, muito pouco ou quasi nada, se encontra, particularmente referente ao assunto; como não podia deixar de ser pouco se aprofundam no assunto concernente ao estudo da matéria, mormente na parte

referente as qualidades do indivíduo a quem é confiado a missão de fazer um salvamento, exigindo ainda, empiricamente, como qualidades necessárias ao bombeiro, para executar tal missão, os decantados preceitos da coragem, agilidade e força.

Certo que, sendo atleta, teremos o principal elemento, e admitimos as vacilações àquele que tiver de fazer um salvamento.

Esta segunda parte, é hoje condenada em tôdas as fases de nossa profissão; com o advento da era nova, riscou-se do nosso vocabulário profissional, a palavra vacilação. Aquele que vacilar no momento de agir criará para si circunstâncias capazes de dificultar ou mesmo comprometer o bom êxito da missão.

Vejam as qualidades preconizadas em vários livros de Instruções e examinemo-las cada uma de per si.

A força física, condição indispensável para remover obstáculos, porém incapaz de solucionar certos problemas que dependem da inteligência. A agilidade permite transpôr os mesmos obstáculos utilizando as vezes, meios impróprios à ação, pela sua fragilidade; comprometendo, pela falta do raciocínio orientado a sucessão das fases capazes de conduzir a bom termo o fim colimado. A coragem por si só, nada vale, por que, ás vezes, conduz á morte àquele que tinha de salvar.

Quantas vezes um chefe de linha, corajoso demasiadamente, compromete seriamente um plano de ataque.

Ao serviço de salvamento, muito auxiliarão estes predicados, porém o fator preponderante do bom êxito, reside na inteligência, pronto e rápido raciocínio, a par de outras qualidades inherentes ao homem que, até há bem pouco tempo, não eram computadas nos indivíduos destinados ao trabalho de salvamento.

O serviço de salvamento, tanto em nossa corporação como em outras que se dizem muito mais adeantadas, ainda não obedece ao critério de seleção: primeiro, porque instruímos indistintamente todos os nossos homens para esse fim, segundo, porque observamos a perfeita noção do cumprimento do dever, em cada um desses homens. Entretanto a estatística, ou a experiência, nos demonstra que, há criaturas com predicação tôda especial para o serviço de salvamento, não obstante, nas diferentes ocasiões não se acharem rodeadas dos mesmos elementos, não serem os primeiros a chegar, nem tampouco os primeiros a divisar a necessidade de uma ação pronta e imediata para um serviço de salvamento, mesmo assim, são sempre os salvadores.

Não sendo estas criaturas nem mais fortes, nem mais ágeis, nem mais corajosos do que seus companheiros, empenhados no campo da luta, conclui-se que, antes da força, da agilidade e da coragem, prevaleceram outros valores, que ainda não temos estudado.

E, para exemplo, cito o 2.º Tenente Manoel Luiz da Silva, a quem coube nos últimos anos, salvar o maior número de pessoas que, em diferentes circunstâncias, se achavam em iminente perigo de vida. Não obstante, termos a certeza que, qualquer um de nós não trepidaria em dar a sua vida, pela do seu semelhante, que a tenha em perigo, pois que, esta é a nossa missão, é o nosso dever!

Mas, para levar a bom termo um serviço de salvamento, não basta o conhecimento de nossa aparelhagem; precisamos sentir o momento exato de nossa intervenção, a escolha e aplicação do meio mais adequado ao caso em apreço, levando em consideração as circunstâncias do momento e os fatos que, ordinária e extraordinariamente, possam ocorrer, no sentido de frustrar os nossos cálculos, dando resultados negativos a equação que rapidamente armamos.

Digo equação, porque, para um serviço de salvamento perfeito, entram em jôgo diversos elementos, sendo o primeiro, entre os primeiros, conhecermo-nos a nós mesmos e

daí fazermos um balanço seguro quanto à nossa capacidade de percepção, como seja: avaliação de distâncias, tanto no sentido horizontal, como no sentido vertical e oblíquo, de altura e profundidade.

Da segurança destes cálculos, depende muitas vezes o emprego judicioso, pronto e rápido, de uma escada mecânica, que pretendemos lançar como tábua de salvação à criatura que ante a visão pavorosa da morte pelo fogo já se dispunha a precipitar-se ao solo.

E si esta tábua de salvação ao envez de se dirigir ao naufrago, fica, boiando à mercê das ondas, aproximando-se e fugindo, ele perderá a confiança e como última esperança, agarrar-se-á a própria morte.

Devemos conhecer a nós mesmos, porque valerá muito mais que a nossa força, que a nossa coragem e que a nossa agilidade, o conhecimento de nossa capacidade vital e não somente a atual, a que estamos habituados a dispendir em nossas reservas àquelas que permitem caminhar longos trechos, quando temos impressão física, clara e evidente, de que não podemos dar mais um passo.

Do conhecimento consciente de nossas reservas, quer físicas, quer morais da nossa capacidade de reações positivas, depende o êxito de um salvamento.

Sem êstes conhecimentos, seremos como um exímio nadador que, confiando no perfeito estilo de suas braçadas, atira-se de mar a dentro, a fim de salvar, longe da praia, o naufrago e, num esforço titânico e sobre-humano, consegue atingi-lo, para depois perecer com ele, por se acharem esgotadas as reservas que não teve a precaução de medir em tempo oportuno.

Suponhamos uma vítima, nos últimos andares de um dos nossos grandes edifícios chamados "arranha-ceus", na impossibilidade do emprego, pronto e eficaz, de nossas escadas mecânicas, tanto pela estreiteza da rua como pela rede de fios de força, luz, telefones e carris; a escada do prédio pode ser o condutor da fumaça que asfixia as pessoas que pedem socorro, como se o fogo já lhe tivesse atingido as vestes.

Parte um bombeiro por esta escada no afã de salvar, porém, pergunto: que noção teve êste homem? Somente uma! Salvar a vida de seu semelhante, que está em perigo!

Calculou antes, que na sua carreira vertiginosa, teria que vencer uma infinidade de lances, às vezes em espiral e por ambiente asfixiante? Não! Chegará ele, lá em cima, na condição de salvador, ou será ele mais uma vítima a salvar?

Portanto, poderemos afirmar que o vigor físico, por si só, não poderá ENCADEAR uma sucessão de problemas simultaneamente e, da natureza do que deparamos em certos casos de salvamento.

E por isso, foi em boa hora abolido, pelo nosso saudoso comandante, Coronel Aristarcho Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, o antigo método de ginástica de saltimbancos, com que nos exibíamos em público; criando-se uma ginástica metódica e racional, em cujo desenvolvimento, procura-se a ordenação dos músculos, aliada mui superiormente, a coordenação de idéias.

Segundo minhas observações, o método de ginástica chamado "Educação Física" a que dedicamos uma boa parcela de nossas atividades matinais, visa menos o nosso desenvolvimento corporal, do que o enriquecimento de nossas faculdades mentais.

Observo que a cada movimento, precede um raciocínio, e que êste tem que ser mudado, rápido e sucessivamente, para que a cabeça, o tronco e os membros executem as fases de um flexionamento; mormente nos DENOMINADOS assimétricos. Então, o escôpo é fazer trabalhar os músculos em função da inteligência.

Daí vem a noção da responsabilidade no cumprimento do dever, na disciplina e pontualidade que observamos nesta parte dos nossos exercícios, onde todos os cérebros trabalham obrigatoriamente, criando em cada um dos nossos homens o controle de sua própria personalidade, qualidade indispensável a quem veste a farda de bombeiro e tem por missão, zelando pela sua vida, que é um patrimônio da Corporação, salvar a de seu semelhante.

Si o grau de inteligência, aliado à coordenação física, são elementos indispensáveis ao bombeiro, em sua nobre missão é por isto que cultivamos carinhosamente, obrigando a um treinamento constante todo aquele a quem, a despeito de ser mais ou menos jovem, outorgamos as mesmas responsabilidades de ação, como soldado do fogo.

Porém, si além da inteligência e da ordenação dos músculos não cultivarmos um terceiro elemento, estou certo de que, falharão todos os nossos esforços em atingirmos a per-

feição, porque, a despeito da clarividência do espírito da coordenação e vigor das formas, o elemento decisivo e principal, capaz de conduzir-nos ao desempenho de tão difícil quanto arriscada tarefa, de operar um salvamento em tempo justo e oportuno, são as nossas reações psico-motoras, isto é, são os diferentes estados da alma que no momento preciso, pode empolgar toda a nossa personalidade, transformando um homem forte e vigoroso em covarde, e um fraco e raquítico, num herói.

Por isso, disse antes que o principal atributo de quem tem a missão de salvar vidas alheias, é, antes de tudo, conhecer suficientemente a sua própria pessoa, ou melhor, a sua própria personalidade.

Chamo reação psico-motora as diferentes fases de emotividade a que poderemos ser conduzidos independentemente de nossa vontade.

Mesmo que tenhamos a inteligência esclarecida e o corpo vigorosamente forte, podemos-nos tornar, momentânea ou definitivamente nulos, pela atuação de uma reação psico-motora negativa.

Para não me estender muito neste terreno, cujo domínio pertence à psicologia, e, nesta parte, constitui uma especialidade dos cientistas, limito-me somente a demonstrar o que pude coligir, referente às nossas necessidades, quanto ao serviço de salvamento.

As reações psico-motoras, neste particular, podem ser:

Reações Psico-motoras { Positivas
Tumultuosas
Negativas

São positivas, àquelas que, diante das surpresas de um acontecimento inesperado, impelem o bombeiro para a frente, no sentido do cumprimento do dever.

São tumultuosas, as reações psico-motoras que se manifestam em dois sentidos opostos, pela presença de um quadro angustioso, onde haja alguém em iminente perigo de vida; ela tem sua origem na luta interior entre a noção do cumprimento do dever e o instinto de conservação.

São reações psico-motoras negativas, aquelas que, nas circunstâncias já mencionadas AVASSALAM todo o ser do indivíduo, no sentido de pôr-se a coberto dos riscos que ameaçam seu semelhante, sufocando a voz da razão; oblitaram-lhe a noção do cumprimento do dever, no sentido da fuga, pela proporção, as vezes imaginariamente catastrófica e insolúvel, criada pelo seu próprio eu.

Porém, as reações psico-motoras positivas, tumultuosas e negativas, manifestam-se cada uma, com caracteres diferentes, capazes de subverter os resultados de uma reação positiva, em desastre, e os de uma reação negativa, em sucesso.

Daí convém mostrar que, as reações psico-motoras positivas podem ser:

Positivas { Racionadas
Estacionárias
Descontroladas

São positivas racionadas, àquelas em que o bombeiro, que tem a missão de fazer um salvamento, faz um cotêjo rápido e inteligente do seu valor, dos meios ordinários e extraordinários de que pode se valer, uma análise rápida e segura, da praticabilidade dos elementos que o cercam, desde o ponto de partida até o ponto em que se encontre a vítima; o meio e o modo de seu contato com a mesma e já seguramente definido os meios a empregar no seu regresso; que devem ser de tal modo invulneráveis, tanto quanto possível, de maneira que não venham causar maiores danos ao seu precioso fardo.

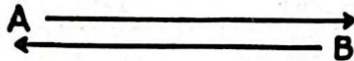
Então, as reações psico-motoras positivas, quando são racionadas, tem o sentido de uma flexa que parta em linha reta do ponto A ao ponto B.

Figurando-se A, o salvador e B, a vítima a salvar.



São positivas estacionárias, àquelas em que o bombeiro, que tem a missão de fazer um salvamento, tem nítida compreensão do seu dever, não lhe vislumbra as diretrizes a tomar, não lhe acomete a menor noção do medo; entretanto, ele executa, todas as fases de sua missão, mentalmente e,

sem se aperceber, tornou-se materialmente imóvel, ou seja, materialmente inativo. Isto é, a sua imaginação trabalha, procede ao salvamento, pelo deslocamento do ponto B, em que figurámos a vítima, até o ponto A, onde se encontra estacionado.



São positivas descontroladas, áquelas em que o bombeiro, que tem a missão de fazer um salvamento, age apenas levado por um impulso instintivo, de que a éle compete salvar a vida de seu semelhante, porém nêsse impulso, leva de lado tudo quanto deveria constituir o seu ponto de partida, não raciona de que modo, com que meios poderá contar para atingir o ponto em que se acha a vítima e, nem tampouco, lhe ocorrem as situações difíceis, que poderá encontrar, ou mesmo, criar, tanto para si, como para a pessoa a salvar, podendo resultar as vèzes, passar da condição de salvador a condição de mais uma vítima a salvar.

Gráficamente, o bombeiro que assim procede, pode ser representado por uma linha sinuosa que, partindo do ponto A, ultrapassa desastrosamente o ponto B.



As reações psico-motoras tumultuosas podem ser :

Tumultuosas { Permanentes
Transitórias

As tumultuosas — permanentes podem ser :

Permanentes { Positivas
Negativas

São permanentes, positivas, quando, pela ação tumultuosa, criada pelo conflito de forças diametralmente opostas, a criatura perde completamente a sua personalidade, agindo positiva ou negativamente. No caso do bombeiro acometido de uma reação psico-motora tumultuosa, permanente e positiva, pode praticar um grande feito, como seja um salvamento, em condições difficilimas, verdadeiro ato de compreensão, arrôjo e coragem, findo o qual verificamos ter éle perdido definitivamente o equilibrio mental.

As mesmas reações podem dar-se no sentido negativo, passando o homem por tôdas premissas acima referidas e proceder negativamente. Isto é, não praticar o feito, procedendo como um covarde, confirmando-se depois o desequilibrio mental permanente.

Gráficamente, estas reações podem ser representadas por duas setas envolventes e em sentidos contrários, podendo uma escapar pela tangente, no sentido positivo ou negativo, isto é, na direção de B, ou em direção oposta a êste ponto.



Entretanto, ante a visão dantesca e angustiosa do perigo do quadro infernal que se apresente, pode o bombeiro adquirir a condição de um desequilibrio mental permanente, quer tenha se atirado como UM HERÓI, quer tenha se retraído como um covarde.

Quando as reações tumultuosas são transitórias, si no sentido positivo, criam em tórno do executor da ação, uma admiração interrogativa, cotejando-se às vèzes as suas qualidades medíocres com o seu feito extraordinário, o qual se torna incapaz de repetir, por mais oportunas que lhe sejam as ocasiões.

Então concluímos que, si estas reações têm o seu desfecho no sentido positivo, criam-se os falsos heróis; si no sentido negativo, os pseudo covardes! Como exemplo do primeiro caso, temos o famoso avlador norte-americano Charles

Lindberg; o famoso soldado Milhão, do Exército Português, na batalha de Armentier.

As negativas podem ser :

Negativas { Indefinidas
Estacionárias
Positivas

São negativas indefinidas, quando o homem que tem a missão de salvar seu semelhante, em iminente perigo de vida, é empolgado pela ação do medo, criando imaginariamente, para si, a situação de desespero em que se debate o seu próximo, e assim, é envolvido pelo pânico terrível, e contagiosa psicose, que se propaga em todos os sentidos, contaminando a todos que se encontram no seu caminho, porque, nêsse caso, ninguém procura indagar qual a origem do seu terror ou a causa de sua desordenada fuga.

Gráficamente, a ação negativa indefinida pode ser representada por uma flexa que se afasta constante e indefinidamente do ponto A.



A ação negativa é estacionária, quando o homem que deveria executar uma missão, no ponto B, empolgado pelo terror, tem como única e exclusiva preocupação, safar-se do palco, em que se desenvolve a cena que o aterrorizou e, dêsse modo, éle põe tal velocidade imaginária, na marcha de sua fuga, que a correa de união, entre a polia de seu cérebro e a polia de suas pernas, desliza indefinidamente, tornando estas, impotentes para ganhar um palmo no terreno, e aí sucumbe, vitimado por um perigo que talvez, nunca o alcançasse. Gráficamente, pode ser representada a reação psico-motora negativo-estacionária por uma seta que, ficando estacionada definitivamente no ponto A, dar-lhe a sensação mental de se afastar dêle indefinidamente.



Por último, vejamos as reações negativas-positivas.

Destas reações, são oriundas as chamadas vacilações.

No primeiro contato visual com o perigo (supondo-se sempre o bombeiro) a sua primeira reação psico-motora é negativa e no sentido de se afastar do ponto A, e muito mais do ponto B. Porém, pela coordenação de idéias, por um rápido jôgo de inteligência, suscetíveis de despertar, no seu subconsciente, a verdadeira noção do cumprimento do dever, é possível que, com um golpe de audácia, possa éle reassumir violentamente o comando de sua personalidade, contrariando a reação psico-motora negativa, obrigando-a a descrever uma curva e reagir positiva e raciocinadamente.

Gráficamente, pode ser representado dêste modo :



Para obtermos um verdadeiro controle de nossa capacidade, precisamos conhecer suficientemente a nossa personalidade. Se a nossa capacidade física ordinária tem um valor que conhecemos é indispensável conhecermos também o valor de nossa capacidade física extraordinária, isto é, o valor das reservas físicas com que podemos contar em certas e determinadas ocasiões difíceis.

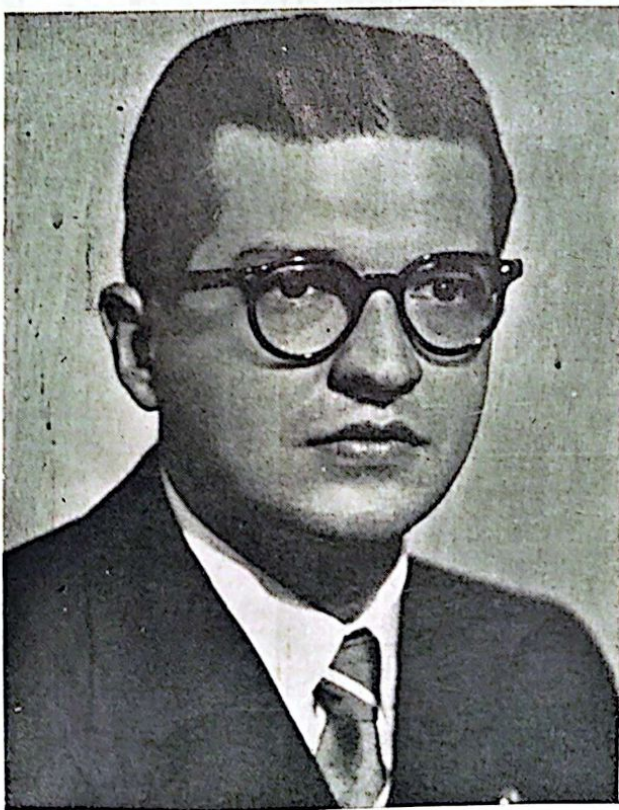
Devemos observar como se manifestam as nossas reações psico-motoras, em tôdas as ocasiões em que, diante de nossos olhos, ocorrerem fatos extraordinários. Devemos observar qual o nosso procedimento ao levarmos um susto, a fim de nos inteirarmos qual a nossa tendência, si é a de fugir espavorido, ou si é a de reagir, investigando a causa que o originou.

Si passarmos a observar, atentamente, as nossas reações psico-motoras, poderemos ir corrigindo-as, lentamente, até atingirmos um grau de perfeição indispensável a quem tem a missão de salvar vidas que se achem em iminente perigo.

Quantas vèzes um indivíduo, que atravessa o leito da rua, ao ser despertado por uma busina estridente de um automóvel, retroage vindo atropelar o auto, quando a dois passos, teria ganho o passelo?

NOSSOS AMIGOS

É com grande prazer que resgatamos uma dívida de gratidão focalizando nesta página, dois bons amigos do Corpo de Bom-



SR. HENRIQUE CÂNDIDO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
Escrivão da Segunda Vara de Orfãos e Sucessões



COMANDANTE ERNANI DO AMARAL PEIXOTO
Governador do Estado do Rio de Janeiro

beiros — o Exmo. Sr. Comandante Ernani do Amaral Peixoto a quem devem os soldados do fogo terem sido incluídos nos benefícios do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares, como relator que foi dêsse estatuto na Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados e o tenente da reserva do Exército, Sr. Henrique Cândido Cavalcanti de Albuquerque, filho do saudoso Cel. Aristarcho Pessoa e que também, tão desinteressadamente, pleiteou para os bombeiros aquela justa medida.

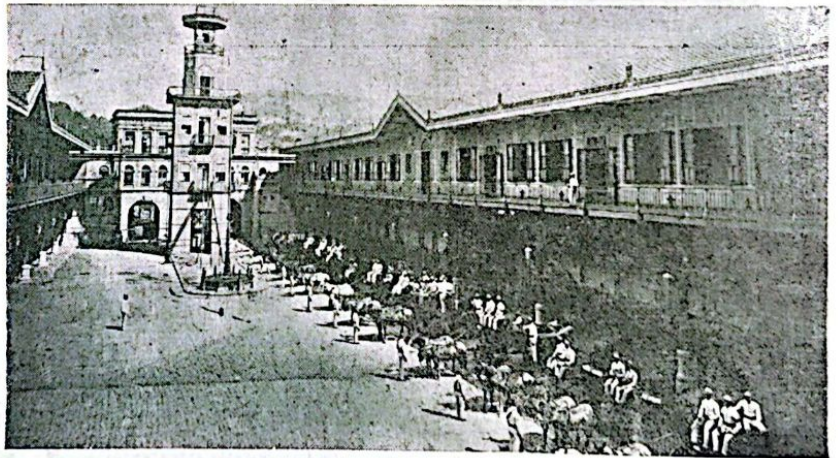


O ilustre Prefeito do Distrito Federal, Dr. João Carlos Vital mostrou-se sempre um grande amigo do Corpo de Bombeiros. Vêmo-lo em dois flagrantes bem sugestivos. Em companhia do saudoso Coronel Aristarcho Pessoa, em visita que nos fez como presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, autarquia que lhe deu renome como dos mais capazes e dinâmicos administradores, e S. Excia. logo após a sua investitura no govêrno da cidade, ouvindo uma exposição que lhe era feita pelo Cel. Sadok de Sá.

RELEMBRANDO...

A minha infância, amargurando mais o crepúsculo desta vida quase em plena escuridão, recordo-me com infinita saudade dos tempos daquela meninice despreocupada, embora entristecida pela pobreza, mas mesmo assim em que muito havia de felicidade. Sentar-me à beira da calçada, de pés ao chão, olhando aqueles bondinhos que os cocheiros deixavam sósinhos subir a ladeira da rua, porque não havia medo, medo desta tremenda "Batalha do Rio de Janeiro"; fugir de casa, indo parar à entrada da estação de bombeiros mais próxima, para ver aqueles burrinhos tão dóceis que pareciam ensinados, alertados ao toque de fogo, colocarem-se à frente dos carros, prontos a se deixarem atrelar, compenetrados do seu papel, como a dizer: "há incêndio na cidade, há vidas perigando", tudo isso era para mim, uma alegria que hoje recordo com infinita saudade; hoje que não há mais bondinhos, nem carros de bombeiros, nem tilburis, nem as vitórias, naquele tempo os "rabo de peixe". Não há mais os burrinhos tão dóceis que pareciam ensinados, mas há o roncar dos motores nas ruas, causando este medo pavoroso, este medo da "Batalha do Rio de Janeiro".

F. C. A.



Como eram equipados os bombeiros no século passado

Equipamento moderno do Corpo de Bombeiros

Ensino e Educação Cívica

Major JONATHAS ROCHA

Diretor do Ensino do Corpo de Bombeiros



GENERAL JOÃO LOPES DE OLIVEIRA LYRIO
Introdutor do ensino no Corpo de Bombeiros

PARA o homem, como para as nações, a vida é uma luta de competições e a aptidão para enfrentá-la só pelo ensino, pela instrução, compreendendo a educação física e a educação intelectual, se adquirirá. Desnecessário assim encarecer a importância do ensino. Por ela fala o progresso de tantos países, de vários povos, e quanto pudéssemos dizer sobre tal importância seria comparável a um insignificante arbusto à orla de imensa floresta. Sobre ensino são as linhas a seguir, mas sobre o ensino ministrado numa Corporação, no Corpo de Bombeiros, a tradicional e benquista Corporação desta Capital. Ver-se-á que muito fez por sua eficiência o Coronel Aristarcho Pessoa cuja singular operosidade se concretizou em tantas e tão valiosas realizações que, por completo, mudaram o estado do que encontrara ao assumir o comando.

Uma profissão como a do soldado do fogo impõe a esse, como fatores de rendimento apreciável, capacidade física à altura do trabalho a que é obrigado e capacidade intelectual para a inteligente direção deste trabalho. No caso, portanto, a educação profissional não somente deve atender, a um tempo, o lado fisiológico como o psicológico, ou seja, desenvolver e fortalecer o corpo pela educação intelectual — ginástica e livro. Mas a educação intelectual, por ser de ordem privativamente humana, é por isso de importância mais elevada do que aquela, visto que visa capacitar o indivíduo a melhor se orientar na vida e a vencer menos pensadamente na luta pela existência.

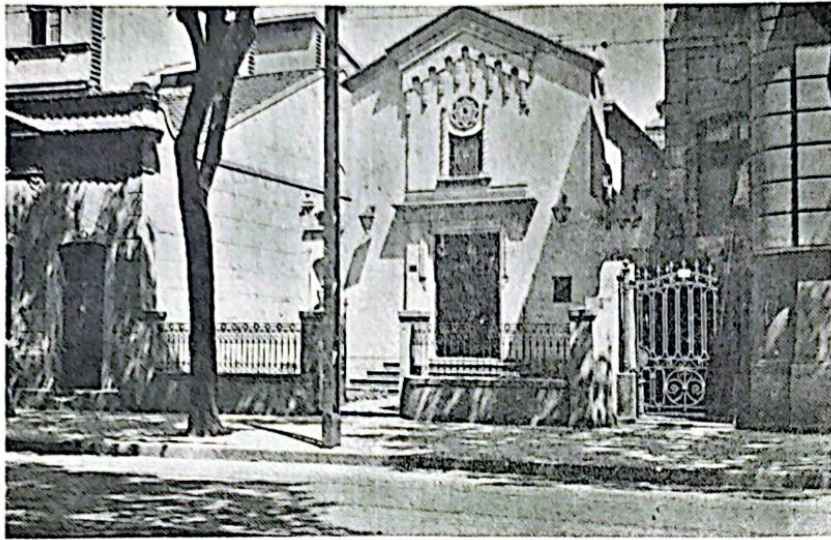
Até 1924 constituía notória lacuna no Corpo de Bombeiros a falta dessa educação. Naquele ano, por esforços do então Comandante João Lopes de Oliveira Lyrio, foi que se a reparou, criando-se escolas para soldados, sargentos e oficiais, estabelecendo-se que não seria promovida a sargento a praça que não tivesse os cursos da Escola Regimental, nem seria promovido a Oficial o sargento que não possuisse o curso da respectiva Escola, instituindo-se mais que, para as promoções, se observasse a classificação intelectual dentro de cada turma. A E.A.O. e a Escola para Sargentos foram criadas em conformidade com os Artigos 196 e 197 do Regulamento que vigorava naquele ano, sendo o curso de cada uma delas de dois anos; os cursos da Escola Regimental foram criados por atos do Comando, bem como três Cursos de especialidade de duração de um ano, cada.

Esperava-se que a prática da inovação puzesse imediato termo ao injusto critério então seguido no preenchimento das vagas, mas o honrado Coronel Oliveira Lyrio, substituído no comando com a mudança de governo, mal pôde iniciar as promoções conforme o critério da inovação pela qual tanto se havia empenhado e a reação então latente em alguns membros de influência hierárquica entrou a perturbar a sua moralizadora aplicação. Por quatro anos, até 1930 prejudicou-se o serviço com proteção das graduações, e promoções se davam sem que as legitimasse o principal dos requisitos — o curso escolar completo.

Com o Coronel Aristarcho Pessoa que, por designação do então Presidente Getúlio Vargas, assumiu o comando da Corporação quasi ao termo daquele ano, as citadas irregularidades que se vinham verificando teriam que cessar, como logo cessaram, restabelecendo-se a confiança na seriedade do cumprimento das prescrições regulamentares. Outras medidas viriam incentivar o ensino, beneficiando-se com elas os componentes da Corporação. De entrada foi Aristarcho Pessoa

estabelecendo o selecionador processo do prévio exame intelectual para o ingresso na Corporação, evitando que verificassem praça indivíduos analfabetos; instituiu o sistema dos concursos com intuito de valorizar os quadros; dotou de escolas as Sédes das Zonas, para facilitar o estudo ao maior número possível de praças; para a oficialidade instituiu o regimen das conferências técnicas, para interessá-la no treino de sua capacidade profissional, como instituiu a realização de conferências sobre higiene por médicos do Corpo de Saúde e por entender, logicamente, que o ensino intelectual deve pressupor a disciplina moral e a formação do cidadão, ampliou o programa do ensino na reforma das instruções respectivas em 1934 com a inclusão de Noções de Moral, de Direito Público e Educação Cívica. De fato, no conceito de certo educador francês, sem finalidade superior é a educação intelectual que não se dirija em proveito do sentimento cívico e moral de uma nação. Necessárias assim noções daquelas disciplinas para educar os sentimentos do indivíduo no caminho do bem, da justiça e da honestidade; para torná-lo cidadão cónsco de seus deveres para com a sociedade e o Estado; para, finalmente, incutir-lhe da Pátria e da nacionalidade uma idéia superior, tornando-o patriota apto com a compreensão de sempre honrar aos antepassados que se assinalaram por seus serviços ao País, por seu engrandecimento e defesa. Procurou o saudoso chefe manter vivo nos professores o interesse no desempenho de suas nobres funções, recomendando-lhes em Boletim, no início de cada ano letivo o máximo empenho pela eficiência do ensino; dirigia-se também o prestigioso chefe aos alunos nessa ocasião, fazendo-lhes sentir que só vencem dignamente na luta pela vida os que possuem apreciável cabedal de conhecimentos. Na citada reforma do ensino instituiu a realização, no dia inicial do ano letivo, de uma conferência, por um dos professores, relativa ao ensino, perante as companhias formadas no pátio de exercícios antes da hora da parada regulamentar.

A reforma de 1934, aprovada por Aviso Ministerial n.º 1.109 de 31 de Março manteve as escolas referidas e criou o Curso de Motoristas, como única especialidade; no programa do ensino houve a inclusão das disciplinas acima mencionadas, além de alterações de ordem administrativas ligadas ao ensino, para a sua maior eficiência. Em 1941 as Instruções para o funcionamento das Escolas e Cursos sofreram alterações, sendo que no programa do ensino criou-se a aula de Instalações Preventivas e Organização do Corpo, ficando as de Eletricidade e Construções constituindo matérias de aula,
(Conclui na pág. 37)



Fachada da Capela São João de Deus

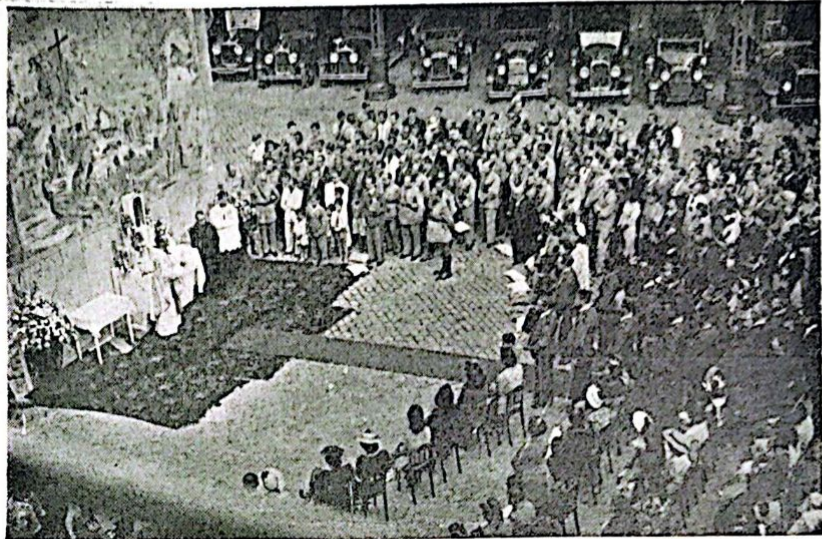


OS BOMBEIROS

E A RELIGIÃO

Interior da Capela São João de Deus

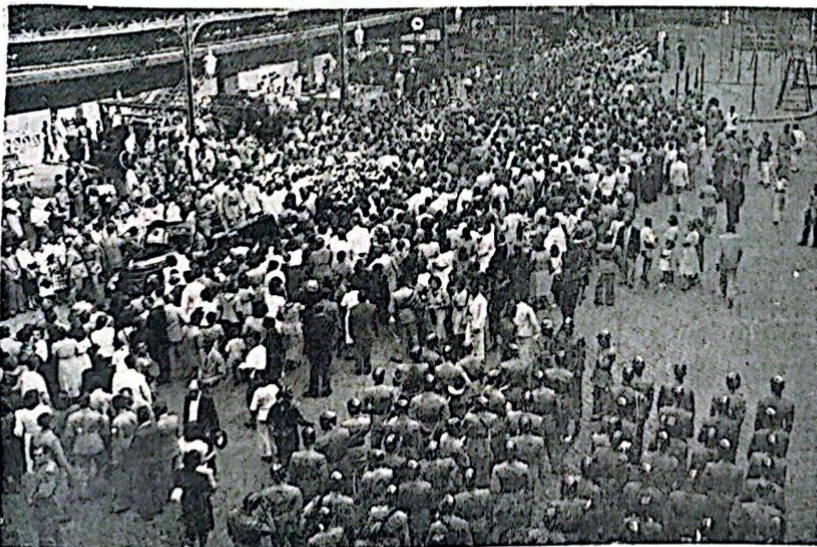




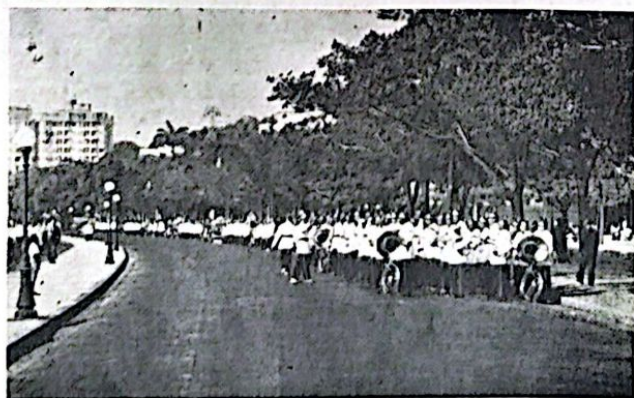
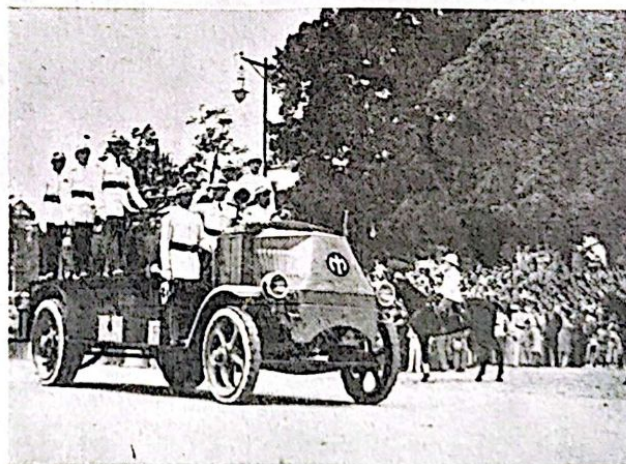
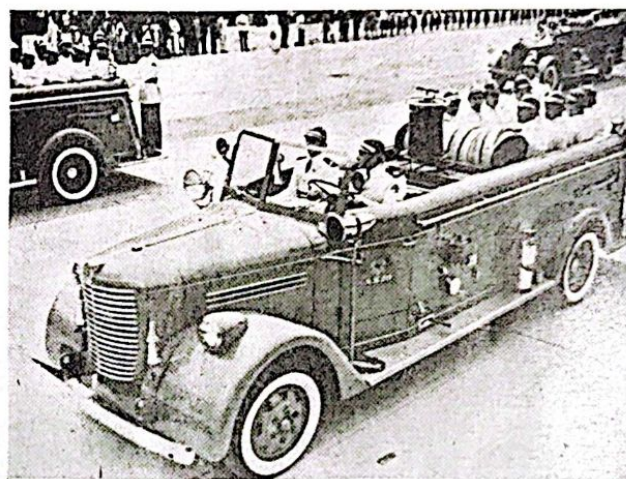
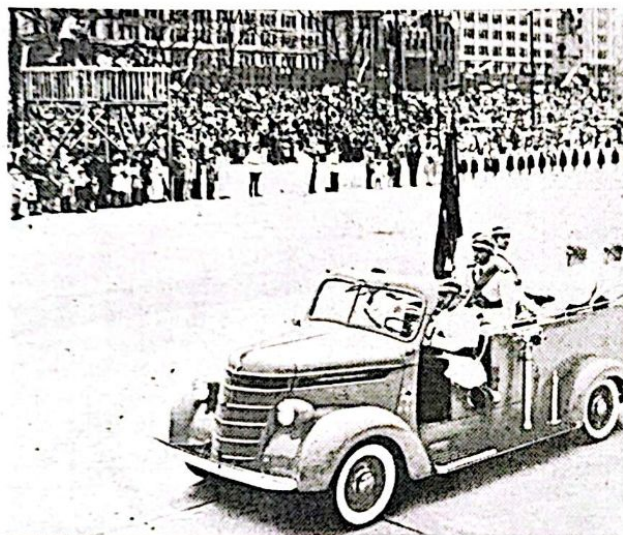
Missa votiva no interior do Quartel Central, em data aniversária da Corporação

A NTE a ameaça incessante que cerca o bombeiro, mais ardente tem que ser a sua fé religiosa. Nos momentos difíceis é preciso recorrer a Deus, implorando-lhe misericórdia, piedade e a suprema graça da salvação. Sob a proteção de São João de Deus, ergue-se na séde do Quartel Central a Capela em honra ao milagroso santo, onde o soldado do fogo pede contrito e humilde que essa graça não lhe seja negada, senão em vida pelo menos depois da morte.

Visita da imagem de N. S. da Penha ao Corpo de Bombeiros



OS BOMBEIROS E AS FESTAS CÍVICAS



O Corpo de Bombeiros sempre se uniu às gloriosas classes armadas nos dias festivos da Pátria. Ai estão focalizados diversos aspectos de desfiles em que os soldados do fogo se apresentam em público como tropa de linha, força auxiliar do nosso Exército, e com os seus carros.

AS CORPORAÇÕES DE BOMBEIROS E A GUERRA TOTAL

Major do Exército ITIBERÉ GOUVEIA DO AMARAL

(Prof. da Escola de Aperfeiçoamento dos Oficiais do Corpo de Bombeiros).

Com o desenvolvimento surpreendente da indústria, trazendo ao campo bélico uma série de novos engenhos; com a evolução social dando à vida dos povos um aspecto diferente, onde a idéia de conforto atingiu um alto grau de prioridade; com a moderna concepção de geopolítica, ampliando, com elasticidade, a idéia diretora de defesa nacional, sentimos, que o conflito entre Nações terá, como já o teve na guerra passada, o caráter total.

É necessário, portanto, que todo o país procure organizar a sua defesa dentro do conceito atual de segurança nacional, superposta às diferentes e inesperadas reações que a guerra integral, forçosamente, apresentará não só nas operações bélicas, como nos demais setores da atividade humana.

Modernamente não podemos distinguir combatentes de não combatentes; todos tem o seu papel definido no conjunto das operações e no desenvolver da guerra. As populações civis, são apenas grupos humanos que trabalham permanentemente para suprir as frentes de combate, sujeitas, também, a todos azares da luta armada.

O aperfeiçoamento ininterrupto do material bélico, e a evolução da aeronáutica, com naves de velocidade super-sônica e considerável capacidade de transporte, permitindo o bombardeio dos mais longínquos rincões, nivelou os perigos a que ficam expostos todos os habitantes de uma nação.

Neste quadro de terror e sofrimentos, criado pelos conflitos totais, é que teceremos considerações sobre o papel altruístico e heróico do bombeiro, extinguindo as chamas devoradoras dos cabedais históricos de sua pátria, arrancando dos escombros fumegantes seus compatriotas feridos, e fortalecendo com sua conduta desinteressada o ânimo das populações cidadinas, tudo isto, sem descanso, desde os albos do dia, à escura e alta madrugada.

Dentro desta concepção de guerra é, "indispensável que toda nação tenha idéia clara sobre o que é a Defesa Nacional, o que devemos fazer para prepará-la; as consequências fatais da negligência em sua preparação, seu verdadeiro alcance e os sacrifícios que essa preparação requer". "A Defesa Nacional é um problema da nação inteira em sua aceção bem ampla, e não mais como antigamente, um problema das Forças Armadas".

Assim, a mobilização do país para a guerra reveste-se de aspecto total, e dela participarão todas suas forças vivas, não havendo possibilidade de nenhuma ser excluída, particularmente, as que já possuem organização desde tempo de paz, e deixe de tomar parte ativa na luta.

A mobilização da opinião pública é uma força capital para a vitória e constitui uma arma para a paz e para a guerra.

Esta opinião deve sentir que a nação se organiza desde a paz, visando preservar o país o mais que for possível das vicissitudes da luta e dando ao povo a melhor defesa, compatível com a moderna concepção da Guerra.

Considerando-a, forçoso é notar o papel preponderante desempenhado pelas populações cidadinas, pelo que os centros populosos devem ser olhados com especial carinho pelos órgãos responsáveis pela Defesa Nacional. Deste modo, particular interesse deve ser dado à defesa da população civil, a fim de protegê-la constante e eficientemente de quaisquer ameaças oriundas da guerra integral.

A análise do aspecto principal desta defesa, a defesa anti-aérea, mostra-nos como complementos promordiais da mesma, a luta contra incêndios, o salvamento de vidas humanas e de haveres do povo.

Na execução desta fase complementar a que aludimos, situa-se perfeitamente o papel do Corpo de Bombeiros.

Sua missão, permanecendo a mesma do tempo de paz, vai, contudo, se multiplicar em árduos trabalhos, e exigir técnica especial para a luta contra fatores diversos dos de épocas normais.

A missão do bombeiro continua assim imutável: salvar vida e haveres, extinguir incêndios; o panorama, entretanto, radicalmente se modifica: bombardeios implacáveis, edifícios ruindo, canalizações rompidas, inundadas ruas e casas, luzes apagadas, escombros, mortos... guerra de destruição.

É interessante portanto que desde o tempo de paz haja uma verdadeira entozagem de relações, entre civis, particularmente os das instituições sociais, e as corporações de bombeiros, a fim de que a simbiose necessária à guerra seja antecipadamente preparada.

Competições esportivas, visitas aos centros de assistência social, propaganda sistematizada e regular na imprensa, eis algumas das providências, no nosso ponto de vista pessoal, que trarão ótimos resultados à solidificação da defesa civil, onde desempenhará o Corpo de Bombeiros, papel essencial.

A tradição, o exemplo, a disciplina e os inestimáveis serviços prestados pelas corporações de bombeiros, irão em época de guerra, robustecer a confiança da população civil nos seus bravos soldados do fogo, e criar um ambiente propício aos trabalhos ingentes, que serão chamados a executar, por ocasião dos bombardeios aéreos.

Abordaremos agora de maneira rápida a importância das forças morais na guerra moderna. É um dos elementos basilares da estrutura da Defesa Nacional, e sua obtenção está condicionada à preparação do povo para a guerra, mediante programa delineado minuciosamente, onde se lhe ensine a confiar nos seus dirigentes, repelir os sabotadores, cooperar com

as forças armadas, cumprir rigorosamente ordens e determinações, e em síntese, a fortalecer-se moralmente para os embates da guerra total.

Inegavelmente as corporações de bombeiros emprestam desde a paz a sua cooperação inestimável neste setor, dando anualmente centenas de homens técnica e moralmente preparados para a luta contra incêndios, cada um perfeitamente conhecedor dos seus deveres para com a Pátria.

Para desempenhar com êxito a missão complexa que recebe, está o bombeiro perfeitamente preparado, não podendo, portanto, em tempo de guerra, ser desviado para a luta armada, como combatente da linha de frente.

Os efetivos de tempo de paz, necessariamente, deverão ser multiplicados, algumas vezes, para satisfazer as exigências da guerra e por isto na mobilização serão chamados os elementos que serviram nas corporações de bombeiros, onde, mediante instrução adequada, voltarão ao mesmo nível de eficiência anterior, e ainda, mobilizados todos os homens habilitados com os conhecimentos técnicos, sobre incêndios, a fim de que a luta dentro das cidades, contra os efeitos dos bombardeios aéreos tenha sucesso. São necessários homens de vigor físico comprovado e condições morais ótimas, pois não poderão ser improvisados soldados do fogo no decorrer da luta.

Da indispensabilidade do combatente da retaguarda, falam as estatísticas quando, na última guer-

ra, exigem para cada combatente da linha de frente, vinte na retaguarda, considerando as necessidades da defesa civil, transportes, evacuações, manutenção, etc.

Não podemos portanto, na guerra, como na paz, confiar a missão da luta contra o fogo, aos velhos e crianças, a fim de que o bombeiro, especializado tecnicamente, vá desempenhar missão para a qual não foi convenientemente adestrado, prejudicando a segurança e a tranquilidade da população, que sempre vira no "soldado do fogo", seu mais completo e perfeito defensor contra o perigo dos incêndios.

Assim o seu lugar à na Defesa Civil, na luta contra os efeitos dos bombardeios aéreos, colhendo os mesmos louros que seus irmãos, combatentes da linha de frente.

Ambos visam o mesmo objetivo — Vitória contra o inimigo comum, pois na Guerra Total não há distinção de cobatentes e não combatentes — tôda a Nação é mobilizada para luta.

Finalmente, podemos afirmar sem hesitar, que tanto valor tem o soldado da linha de frente que sucumbe sob o fogo das armas inimigas, como o soldado da retaguarda, que desaparece asfiziado nos escombros de um edifício ou carbonizado pelas labaredas de incêndios. Ambos, sacrificando-se heróicamente, cumprem suas missões, merecem portanto a admiração dos seus contemporâneos e o respeito da posteridade.

ANDRÉ CARRAZZONI

NA DIREÇÃO DE A NOITE

Não se sabe o que mais admirar em André Carrazzoni: se a sua indomável vontade a serviço de uma idéia como homem de pensamento, ou o seu valor de profissional de imprensa orientado por um espírito claro, retilíneo, humano no tratar dos problemas públicos e sociais. O diretor de A Noite, jornalista desde a juventude, em seu torrão natal, Bagé, no Rio Grande do Sul, tem seus dias iguais dos de agora, na sua madureza. — o maior empenho em conservar a pena sem a mácula dos interesses malsãos, antes, sempre, no agitar dos grandes movimentos de opinião, soube guardar a mesma linha, em que se pode surpreender o cidadão voltado para os problemas pátrios, numa permanente busca, através dos postulados da democracia, das soluções que o bem da coletividade reclama e tem direito. André Carrazzoni antes de tudo, e por tudo, tem sido e continua a ser jornalista. Por isso mesmo, por estar integrado nessa profissão, que o seu espírito combativo e leal, transforma em missão, não poucos dissabores lhe têm custado, sem lhe abater, entretanto, o ânimo, sem, lhe quebrar a fibra, que sae, sempre, mais revigorada, mais robustecida para novas lutas, novos empreendimentos, novas campanhas, em que se ressalta o traço marcante de seu caráter — tolerância,



ANDRÉ CARRAZZONI

só limitada pelos deveres impostos pela mais rígida compreensão humana. Já, mais mentiu a uma idéia em troca de uma situação por muito vantajosa que

fôsse. Prefere silenciar a ritimar a sua pena pelas baladas das fáceis conquistas de posições. Agora mesmo, a frente da redação de A Noite, dirigindo uma equipe de autênticos jornalistas, que sabem lidar com os problemas públicos, vem demonstrando, ao par da fatura técnica do prestigioso vespertino, que lembra, já, agora os seus dias de glórias no jornalismo nacional, a sua grande capacidade no agitar de questões, no suscitar de opiniões, no ampliar o campo de informação em tôdas as atividades, políticas, sociais e culturais do país. Assim, retorna o jornal ao seu verdadeiro caminho, no conceito do povo, servindo, com toda a decência que se deve esperar de um órgão de tradições, como é A Noite, que representa o marco inicial do progresso da imprensa brasileira, a evolução dos nossos costumes, das nossas transformações sociais.

O ato do sr. Presidente da República, colocando o sr. André Carrazzoni no alto posto de Superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional, consequentemente, à frente do grande órgão da imprensa do país, foi bem justificado pelos próprios méritos do distinto jornalista, méritos muito antes revelados no próprio posto a que voltou e sempre deu o brilho de sua inteligência assim como as mais robustas provas de uma correção digna de ser seguida. Há que mencionar, ainda, a feliz circunstância de haver sido, por todos os servidores de A Noite, recebido a volta de André Carrazzoni entre as maiores demonstrações de simpatia a que tem direito um chefe que, antes do mais, sempre soubera ser um amigo bom, justo e leal.

Um Símbolo da Corporação

INTELIGÊNCIA E CORAÇÃO — A VIDA DE BOMBEIRO DO TEN.-CEL. AFONSO ROMANO - SUAS ATIVIDADES SOCIAIS



PARA ser bombeiro, antes de outra qualidade recomendável, a mais forte que se ha-de mostrar é a de que estima mais a vida do próximo do que a própria.

Essa verdade não precisa de provas. Os fatos falam alto. A galeria dos que se sacrificaram para honra desta Corporação é grande. Há, também a dos que sempre a serviram bem, e que, deixando o nosso convívio, a nossa árdua tarefa, continuaram, na mesma linha, cumprindo o seu dever humano de servir. E o que acontece com o tenente-coronel Afonso Romano. É um autêntico símbolo da nossa Corporação. Espírito modesto, o que não oculta a bondade de que se reveste, se foi um bom bombeiro, se soube cumprir à risca, a sua profissão, como um técnico de alta valia, agora, na vida civil, prossegue dando-se as mais nobres atividades sociais. O bem que faz é natural de sua formação espiritual.

Mas, o homem de sociedade todos conhecem. Queremos, aqui, em resumo, dizer da vida profissional do tenente-coronel Afonso Romano. Ela é toda marcada de ensinamentos. Mal havia deixado as calças curtas, em 1896, penetrava no velho quartel como aprendiz nas oficinas de máquinas, em que demonstrou habilidade invulgar.

Quatro anos depois verificava praça, na 4.ª Companhia, sob o n.º 650. Ainda

voltou a trabalhar nas oficinas. Constróe-se o Pavilhão Monroe. Já furriel, Afonso Romano é destacado para trabalhar nas obras, assim como endivido 2.º sargento, nas do novo Quartel Central. Em 11 de Setembro de 1911 é promovido a alferes. Especializado em aparelhos hidráulicos, é designado para o serviço de manobras de água. Ativo, empreendedor, acompanhou o ritmo de progresso do Corpo como exigia o da Cidade. Publicou trabalhos da mais real e oportuna necessidade de ordem técnica: "Indicações úteis ao Público", com que demonstrou conhecer amplamente o assunto, que se relacionava com esta Corporação; em 1918, "Abastecimento de Água da Cidade do Rio de Janeiro", em que dá informações preciosas de ordem geral. Em virtude de tanto trabalho a que se entregava, ininterruptamente, em 1921 enfermou gravemente. Isso, porém não impediu que o então tenente levasse a termo uma missão a que, espontaneamente, se entregava — o aumento de duas companhias. Num ato de justo reconhecimento, a oficialidade ofereceu-lhe palavras expressivas gravadas num cartão de ouro. Foi instrutor da 5.ª Companhia. Escravo da disciplina, sabia impor disciplina menos pela punição do que pelos exemplos que dava tanto a colegas como a subordinados. Gosava e gosa, por isso, da mais

profunda estima de todos. Um dia foi surpreendido, na sua modestia, por um gesto do seu comandante, que lhe ofereceu um rico bronze. Outro, do Comércio. Era o testemunho fiel da sua magnífica atuação de bombeiro, útil, exemplar e que se revela nas muitas medalhas que lhe cobrem o peito.

Essa, em poucas linhas, simples, o que foi a vida na Corporação do tenente-coronel Afonso Romano. Na vida civil não olvidou, antes, aprimorou aquele ensinamento de bombeiro — Servir sempre. Trabalhou muito para o Abrigo do Bombeiro, para o Lar do Pobre de Copacabana, para a Escola Maria Rayth: é um dos mais dedicados colaboradores da Beneficência Portuguesa; concorreu para a construção do Hospital Jesus, da Prefeitura, cujo terreno foi doado por iniciativa sua. Há ainda, suas atividades bem fasejas a diversas instituições religiosas e de caridade.

O tenente-coronel Afonso Romano é um símbolo da nossa Corporação.

Ensino e Educação Cívica

(Conclusão da pág. 31)

com redução dos ensinamentos de Construções ao essencial para o oficial bombeiro. As ditas instruções ainda em vigor, foram aprovadas pelo Aviso Ministerial n.º 1.904 de 21 de Fevereiro.

Quanto a Educação Cívica, preocupação predominante no espírito de Aristarcho Pessoa, não ficou restrita ao âmbito das aulas teóricas. Alicerçava nela toda a instrução ministrada à Corporação. Os exercícios matinais se encerravam com canções patrióticas cantadas com entusiasmo pelas praças e instrutores em desfile. Tudo fazia o pranteado chefe para o ensino cívico de seus comandados. Os vultos pátrios célebres eram rememorados com homenagens que o civismo manda que se lhes tribute na comemoração dos acontecimentos em que tiveram marcante atuação. De muitos illustrou, com os seus evocativos retratos, as dependências da administração e seus alojamentos. Por ser a Corporação uma reserva do Exército, o patrono deste, Duque de Caxias, passou a ser também o da Corporação, fazendo Aristarcho Pessoa erigir no pátio de exercícios do Quartel Central o busto em bronze do imortal soldado, nunca derrotado no campo de batalha, como também o busto em bronze do Barão do Rio Branco, o imortal chanceler, sempre vitorioso no campo da diplomacia. Não transcorriam sem a devida exaltação patriótica em seus Boletins as datas históricas da nacionalidade, exaltação feita com palavras de quem fala com alma de brasileiro e não de quem as profere por mera formalidade.

Pela primeira vez na Corporação, com solenidade cívica militar que o ato requeria, realizou Aristarcho Pessoa a incineração, em praça adequada, das bandeiras nacionais já inservíveis, fazendo depositar as cinzas sob o altar da capela, numa cavidade feita para tal fim.

Para o inolvidável soldado seria o patriotismo vã palavra sem a cultura do civismo; ele o incentivava por atos e palavras, como cumpre a todo chefe militar com a consciência de seus deveres de cidadão. Civismo é patriotismo consciente, é patriotismo valorizado com o conhecimento da história pátria no que tem ela de moralmente belo e de honroso, sendo, para uma nação o mesmo que o ar para os reinos orgânicos da natureza, — o seu ar vital, o ar que a anima e a predispõe a nobres empreendimentos e a heróicas atitudes. Compreende-se que assim só, pela educação cívica, é que se poderá assegurar a necessária mobilização dos espíritos para o caso de uma luta pelas armas em defesa da Pátria, pois, é na operação moral do civismo que se alicerça a mobilização militar. Muito se assinalou, pois, pela educação cívica no Corpo de Bombeiros o comando do chefe operoso e modelar que foi Aristarcho Pessoa.

Exponetaneamente deixou ele o comando do Corpo de Bombeiros quando o pronunciamento militar noturno de 29 de Outubro de 1945 afastou do poder o então Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, que ao poder voltou cinco anos depois pelo pronunciamento nacional nas eleições presidenciais de 3 de Outubro. Aristarcho Pessoa acaba de voltar também ao comando do Corpo de Bombeiros na pessoa do disciplinado e provento Coronel Sadok de Sá.

ESCOLA DOIS DE JULHO

SEUS FINS E SUAS ATIVIDADES

Cap.-Médico Dr. ALFREDO MACHADO TORRES

A OS dezanove dias do mês de abril de 1941, no Boletim N.º 91, do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal o Coronel Aristarcho Pessoa fazia publicar o seguinte tópico:

ESCOLA 2 DE JULHO

Achamo-se terminada a construção do prédio sito à rua Ferreira de Araujo, Morro de Corujá, em São Cristóvão, destinada a uma escola primária para as crianças pobres daquele local, é nesta data entregue à Cruzada Nacional de Educação.

As características do prédio em aprêço, bem como outros dados referentes, foram publicados, inclusive discriminação de mobiliário, no Boletim N.º 85 de 12 do corrente mês e N.º 90 de ontem.

Desta maneira contribui o Corpo de Bombeiros, sem outro auxílio a não ser a cessão do terreno, para a difusão do ensino primário da Capital da República, colaborando na campanha de alto civismo iniciada pela Cruzada Nacional de Educação, em prol da alfabetização do nosso povo, o que por certo, dentro de alguns anos, há de produzir os resultados os mais benéficos e promissores para a grandeza da Pátria.

E para que fique assinalado no histórico do Corpo, transcrevem-se a seguir as palavras pronunciadas por este comando no ato da entrega do prédio hoje realizada:

"A vossa persistência, a vossa coragem e a vossa tenacidade, Dr. Gustavo Ambrust, batalhando, sem esmorecimento pela causa do ensino primário em nosso país, passarão à posteridade, como, das maiores, senão a maior das benemerências, já proporcionadas à coletividade brasileira, marcando uma época e assinalando o verdadeiro início de um futuro de grandes possibilidades para o Brasil. O problema fundamental da nossa evolução e do nosso progresso, residiu e ainda reside no desenvolvimento da instrução, da educação do nosso povo. Empenhando-vos na sua solução, iniciastes, há anos, a campanha da

Cruzada Nacional de Educação; cercando-vos de companheiros inteligentes e prestimosos, conseguistes lançar os alicerces — fortes e inabaláveis — deste monumento de alta envergadura que nos recomendará à consideração do Mundo, e vos dignificará, assim como aos que se vos juntaram, para, de qualquer forma livrar-nos da pecha dolorosa, assacada a cada instante e a cada momento, repercutindo aqui e além, de sermos um país de analfabetos.

Por esta razão não pôde o Corpo de Bombeiros desinteressar-se do vosso trabalho. Não se alheando nunca dos movimentos morais, cívicos e intelectuais processados no Brasil; acompanhando com o mais vivo interesse tudo o que se tem feito para elevar o bom nome da nossa estremeada Terra, apresenta-se, não sem mostra de um certo orgulho e indisfarçável prazer, na vanguarda das hóstes da nossa benemerita campanha, desfraldando a bandeira de sua adesão no combate à ignorância e para a luta ao analfabetismo.

Aí está a nossa contribuição, o auxílio dos soldados do fogo: a "Escola 2 de Julho".

Eu vô-la entrego, Dr. Gustavo Ambrust, para que dela possa a Cruzada Nacional de Educação fazer um berço de luzes para os pequeninos que amanhã, vencendo os caminhos tortuosos da vida, hão de colaborar para a felicidade da Pátria, tornando-se cidadãos úteis e dignos para a grandeza moral e material do Brasil. É possível então que voltando um olhar ao passado, queiram conhecer a origem da escola onde aprenderam as primeiras letras, lembrarão que o seu nome evoca uma data muito cara a todos nós, o 2 de Julho de 1856, quando se fundou o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Para a sua construção não se poderão olvidar da cooperação valiosa que nos prestaram os Srs. Drs. A. P. Amarante e Ulpiano de Barros diretores do Serviço de Águas e Esgotos e do Domínio da União, cedendo, sem vacilações e prontamente, esta área de terreno, onde ela se ergue. No mais, tudo o que aqui se acha é trabalho dos bombeiros, desde a primeira à última telha, desde a primeira táboa ao móvel mais necessário.

Quizestes que esta solenidade fôsse efetuada no dia em que todos os brasileiros, nas mais sinceras demonstrações de carinho e de respeito, festejam o aniversário natalício de S. Excia. o Sr. Dr. Getúlio Vargas, e é preciso afirmar que os bombeiros, irmanados na mesma satisfação, comungam em igual pensamento e prestam ao emérito estadista as homenagens que pelas suas excelsas virtudes, se tornou merecedor, pois vai-nos dando as energias precisas para fazermos do Brasil a maior e a mais feliz das Nações.

E por fim, atendendo ao vosso apêlo dirigido aos quatro cantos do país, para que cada um trouxesse a contribuição de 1\$000 para a compra de livros e material escolar, faço chegar às vossas mãos a importância correspondente à dádiva de 1.171 bombeiros.

Aos presentes o coração agradece dos bombeiros".

Portanto há 10 anos precisamente era inaugurada a Escola 2 de Julho, sendo a mesma entregue à Cruzada Nacional de Educação para cumprir os fins a que fôra destinada.

ESCOLA 2 DE JULHO, construída na administração do Cel. Aristarcho Pessoa para instrução primária das crianças pobres do Morro do Coruja, em São Cristóvão, à cargo da Cruzada Nacional de Educação



Bem parece que todos os esforços e sacrifícios realizados, foram bem compensadores até o presente momento, procurando diminuir do total assombroso de nossos alfabetos, uma parcela, se bem que pequena, mas já admirável.

Assim sendo, de 1941 a 1945, esta Escola, que de material primava entre as melhores, funcionou com uma frequência de 150 a 200 alunos de ambos os sexos, sob a direção de D. Sebastiana Alves Lima, sua dedicadíssima Diretora, que procurou sempre dar o melhor de seus esforços em troca do bem-estar e preparo de seus alunos.

Do ano de 1946 até aos nossos dias a Escola 2 de Julho ficou entregue à direção da Sta. Judith Braga Souto, que soube continuar o ritmo do excelente aprendizado registrado pela sua antecessora, de modo que a mudança de direção em nada afetou e influiu na eficiência da instrução dos alunos, onde mesmo não sabemos que mais admirar, se o aproveitamento intelectual, se a insinuação bem dirigida para as tendências personalísticas de cada um, se mesmo a completa e perfeita compreensão dos deveres de zelo próprio, desde o asseio corporal, até ao mínimo detalhe das peças do vestuário, de irrepreensível conservação.

Durante o ano de 1946 a Sta. Judith Braga Souto fez funcionar ainda dois turnos, de manhã e à tarde, com uma média de frequência de 200 alunos, sendo, contudo, obrigada por motivos imperiosos a reduzir, de 1947 em diante, ao funcionamento apenas de um turno, de manhã, com uma frequência média de 90 a 100 alunos, divididos em 3 séries, 1.º, 2.º e 3.º ano primários. Estes 3 turnos ainda funcionam este ano com toda a regularidade, conforme tive a grande satisfação de constatar dias atrás.

Além da instrução primária realizada, era ministrada até o ano de 1948 uma instrução de Educação Física, que estava a cargo do atual Aspirante a Oficial Ramon Perez, instrução esta que constituía um dos atrativos mais desejados pela petizada, pela modalidade e propriedade com que era executada.

Da mesma forma uma assistência médica era prestada à Escola 2 de Julho, assistência esta confiada a um dos médicos da Corporação, o 1.º Tte.-Médico Dr. Nelson Nogueira, que durante algum tempo deu de sua melhor atenção aos alunos que necessitavam de observação médica cuidadosa e eficiente, agora restabelecida e que a mim cabe com infinito prazer.

Quanto à eficiência da referida Escola nada melhor poderá falar do que foi dito pela educadora D. Yvonne Jean, do Serviço de Documentário do Ministério da Educação e Saúde, na composição de seu admirável relatório sobre as escolas de todos os bairros do Distrito Federal, relatório este que é o seu perfeito trabalho publicado sob o título de "Visitando Escolas".

Da página 73 a página 76 retiram-se os seguintes trechos: "Não tendo conseguido visitar nenhuma escola em Braz de Pina, dirigi-me no dia seguinte para São Cristóvão onde a Cruzada possui outra escola. Subi um morro que dá uma impressão agradável pois as árvores e a grama emprestam-lhe um ar campestre. A Escola 2 de Julho foi construída e mobiliada pelo Corpo de Bombeiros que a ofereceu à Cruzada em 1941. A pequena escola que se ergue

no morro de Corujá é muitíssimo bem construída e agradável. Apesar de pequena não lhe falta nada e é planejada segundo todos os princípios que devem guiar os arquitetos das escolas. É alegre, clara e limpa. Consta de duas salas de aulas, uma salinha de curativos, uma outra sala pequena e banheiro. Tem um terraço grande e um Jardim para ginástica. A professora, de primeira ordem, deixou-me assistir à aula e conversar à vontade com os alunos, em seguida. A atmosfera da escola influi sempre sobre a atitude das crianças. Estavam à vontade, educadas e muito estudiosas. Seus cadernos impressionaram pelas limpeza e individualidade. Todos os alunos demonstravam um asseio extraordinário. É uma coisa estranha que encontrei: as crianças mais limpas e cuidadosamente vestidas do Rio de Janeiro em dois morros — o morro do Pinto e o morro de São Cristóvão. Isto comprova quão importante é o papel da diretora da escola e quanta influência ela pode ter. Na Escola 2 de Julho sente-se uma disciplina inteligente que deixa a liberdade espiritual aos alunos, procurando encaminhá-los e interessá-los aos estudos. A professora dá muita importância aos trabalhos de imaginação e mostrou-me numerosos trabalhos nos quais encontrei trechos deliciosos".

Vários períodos se seguem nos quais a documentadora Yvonne Jean descreve a conversação com os alunos tirando dela as mais interessantes e precisas observações.

Em outro trecho escreve:

"Demorei-me ainda um pouco mais a conversar com o negrinho de traços regulares e olhar inteligentíssimo que me explicara que seu sonho era ser aviador. Pensa no seu futuro com muita seriedade, aplicando-se nas aulas de matemática e geografia. Seria pena que não chegasse aos seus fins".

"Saí encantada da pequena escola. Que os bombeiros recebam aqui os meus parabéns comovidos pela sua bela realização. Se a Cruzada Nacional de Educação recebesse sempre a ajuda tão inteligente e pródios tão bem construídos, seria uma organização modelo".

Assim foi, é, e sempre será, se Deus quiser, a Escola 2 de Julho. Um centro de cultura primária, física e moral para as crianças do morro do Corujá, para aquelas que, começando a vida, sentem nela o prazer espontâneo de aprender, na maneira inteligente e dedicada por que é a instrução ministrada nos seus múltiplos aspectos e ângulos, estruturando em cada aluno as bases para um desenvolvimento futuro de reais possibilidades para a vida que os espera além, na bondade e paciência de sua diretora, onde o espírito de intensa religiosidade edifica um verdadeiro apostolado do bem.

Durante os 10 anos de funcionamento da Escola 2 de Julho, já por ela passaram perto de 1.700 alunos, uma soma portanto bem apreciável de alfabetização, conseguida com um esforço bem orientado e bem conjugado. Deste modo, 1.700 crianças receberam educação primária, cívica e moral suficientes para arrancá-las do seio do analfabetismo, colocando-as em melhores condições culturais, no caminho do bem e da verdade, fazendo-as dignas para o amanhã que se aproxima, como elementos úteis ao meio, à coletividade e à própria nacionalidade.

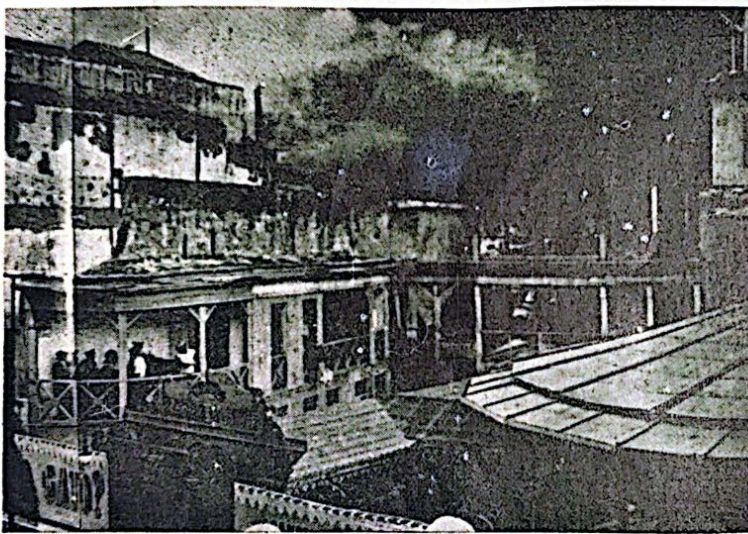
Cassiano Ricardo na direção da Editôra A Noite

A indústria do livro, entre nós, tomou de certo tempo para cá um, surto bem apreciável. Abriram-se livrarias. Obras estrangeiras, das mais notáveis às mais de gosto popular são logo traduzidas e postas no mercado carioca. E, como acontece em todos os ramos de comércio ou da indústria, para os quais se solicita, na modernização dos costumes, o concurso da técnica, da inteligência especializada, vemos que à frente de tais organizações já se encontram nomes prestigiados pela cultura. Entre os exemplos a observar está o de haver sido entregue a direção da

"Editôra A Noite" a Cassiano Ricardo, o ilustre acadêmico, homem de espírito moderno, que vem imprimindo àquela empresa diretrizes que já se refletem na edição de obras de alto valor, gráficamente perfeitas, estabelecendo no espírito dos autores a máxima confiança. Preparada tecnicamente, dispendo da mais atualizada instalação e com pessoal habilitado, a "Editôra A Noite", completa o seu prestígio o nome de Cassiano Ricardo, um verdadeiro homem dos livros.

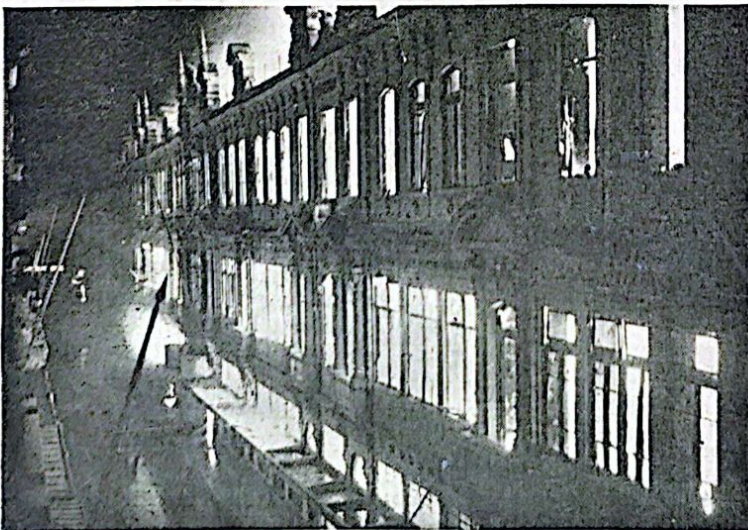


O grande incêndio da Ilha das Cobras, em 1928



Outro incêndio pavoroso que destruiu o Teatro Carlos Gomes há anos atrás

Aspecto do impressionante incêndio que destruiu o Parc-Royal



GRANDES



Em confronto com as demais grandes cidades do mundo, o Rio de Janeiro é uma das que menor número de incêndios apresentam. Alguns entretanto, podem classificar-se como grandes sinistros pela violência e dramaticidade, não se apagando da memória e se registraram como fatos de repercussão na história da nossa Capital. Ainda são lembrados como verdadeiras tragédias os da Barca "Terceira", Serraria Passos, antigo Arsenal de Guerra localizado na Ponta do Calabouço, da Ponta da Armação, da Ilha do Cajú, da Ilha das Cobras, e mais recentemente os do Teatro Carlos Gomes, Parc-Royal, da firma Dias Garcia e do Depósito de Material Bélico, de Deodoro. Um houve

INCÊNDIOS



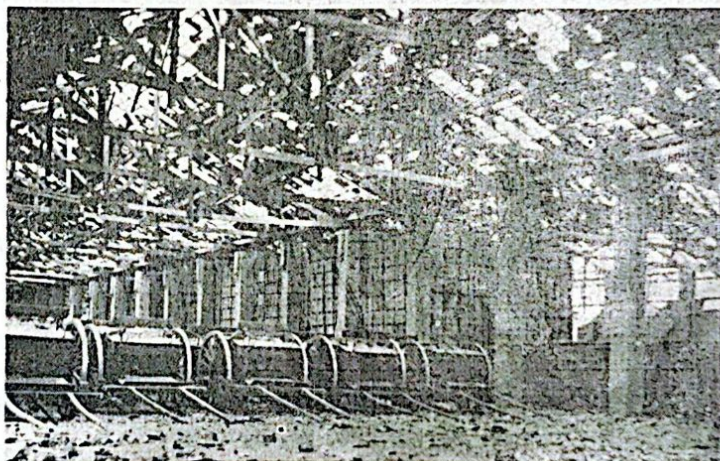
no século passado, no bairro da Saúde, que teve a duração de três dias consecutivos e ao ser relatado ao Ministro da Justiça pelo Comandante do Corpo, dêste mereceu em certo trecho, o seguinte comentário: "... foi sem dúvida, qualquer cousa de espantoso, o maior dos incêndios já havidos nesta cidade, pois até as ruas das imediações, pareciam um verdadeiro mar em chamas..." Hoje, felizmente, êses dramas não se repetem, pois outros são os meios de que se dispõe para debelar tão horríveis sinistros. Nestas páginas são apresentados alguns aspectos dos maiores dêstes últimos tempos, dando bem uma idéia do que os bombeiros classificam como

GRANDES INCÊNDIOS



Aspecto do impressionante incêndio que destruiu totalmente o prédio da firma Dias Garcia

o



Da tremenda catástrofe de 1947, no Depósito de Material Bélico do Exército, em Deodoro, onde tantas vidas se perderam. Nas duas fotos da época, vemos, em lugar de sólidos edifícios que lá se erguiam, somente escombros que se assemelham aos resultados dum bombardeio aéreo.



O INCÊNDIO DA BARCA "TERCEIRA"

CAP. JOSÉ DE MORAES

Já que estamos falando do passado, recordemos aquêles momentos angustiosos, vividos por centenas de criaturas, velhos, moços e inocentes criancinhas, ao sabor do fogo ou do "salso elemento", quando dos sinistros das barcas ESPECULADORA, em 1844; TERCEIRA, em 1895 e, finalmente, a SÉTIMA, em 1915, e, para tanto, pedimos vênua à "Revista das Revistas", para a transcrição do artigo sob o título acima, do seu número de agosto de 1947, reproduzido da "História da Polícia do Rio de Janeiro", de autoria de Mello Barreto e Hermeto Lima.

"Até o ano de 1835, era um problema ir-se a Niterói. Tomava-se uma falua à vela no cais D. Manuel e depois de duas horas, ou três ou quatro, quando havia ressaca lá se chegava.

Em outubro de 1843 organizou-se porém a Sociedade Navegação de Niterói e em setembro de 1835 apareceram as primeiras barcas: a NITEROIENSE, a PRAIA GRANDE e a ESPECULADORA (êste último nome estava a calhar para as barcas da futura Cantareira...).

A 14 de outubro de 1835 inaugurava-se o serviço. O preço da passagem era de 100 réis nos dias úteis e 160 réis nos domingos e feriados. Partiam da Praia, em Niterói.

Corria o serviço mais ou menos a contento, quando a 25 de maio de 1844, cêrca das 5 horas da tarde, um terrível desastre encheu de consternação as duas cidades. Largava do cais Pharoux a barca "ESPECULADORA", quando formidável explosão, por ter arrematado a caldeira, levou pelos ares a barca. Morreram 70 passageiros e 71 ficaram feridos ou horrivelmente queimados.

A companhia faliu em 1865, mas as viagens não foram interrompidas, porque em 1858 o Dr. Van Tuyl obteve a concessão para o estabelecimento das viagens, em barcas do tipo "ferry" (o ainda atualmente usado).

A 29 de junho de 1862 foram inaugurados os serviços, que eram feitos por três barcas: a "Primeira", a "Segunda" e a "Terceira". Tempos depois, em 1889, foi organizada a Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que, entre os melhoramentos que introduziu, iniciou o da iluminação das barcas a electricidade, cuja instalação defeituosa deu lugar, ao que se diz, ao incêndio de 6 de janeiro de 1895, da barca "Terceira", morrendo cêrca de 80 passageiros.

Na véspera, essa barca fizera a sua viagem inaugural e grande número de convidados e representantes de tôdas as classes sociais compareceram a essa festa. No dia seguinte entrou em serviço pela primeira e última vez.

Levava cêrca de 300 passageiros, e acabava de deixar a estação de São Domingos, quando, minutos após, houve o alarme de fogo que começara na tólda, em tórno da chaminé.

O mestre Vidal, não dispondo de recursos para extinguir o incêndio, viu-se na contingência de voltar a São Domingos, o que tentou improficuamente, ou de encalhar a barca, a fim de salvar os passageiros. Vendo, porém, aproximar-se a barca "Quinta", que momentos antes saíra de Niterói, entendeu ser mais seguro para os passageiros a passagem de uma barca

para a outra, e assim esperou que a "Quinta" atracasse. (Entre os passageiros da "Quinta" achava-se o senhor Antônio Pereira Balthazar, atual gerente do estabelecimento C. Mendes Júnior, onde é impressa esta revista, e que foi um dos espectadores horrorizados da cena vergonhosa que se desenrolou ante os seus olhos).

Deu-se então o fato mais revoltante e desumano, de que não há exemplo em sinistros marítimos; alguns covardes passageiros da "Quinta", apesar do mestre Pedro Costa assegurar não haver o menor perigo em aproximar-se da "Terceira", impediram-no à fôrça, a mão armada, de tal fazer. Ainda assim o mestre Costa tentou vencer a resistência, mas impossibilitado de manobrar pelos miseráveis que o rodeavam, teve, desesperado com lágrimas nos olhos, de abandonar à triste sorte de morrerem queimados ou afogados os infelizes passageiros da "Terceira", cujas vidas estavam nas suas mãos. A "Quinta" tocou atrás e o mestre mandou que se lançasse ao mar todos os barcos e salva-vidas de que dispunha.

Os passageiros da "Terceira", estupefatos, vendo assim fastar-se essa barca que para êles representava a salvação e a vida, prorromperam em gritos de desespero e indignação.

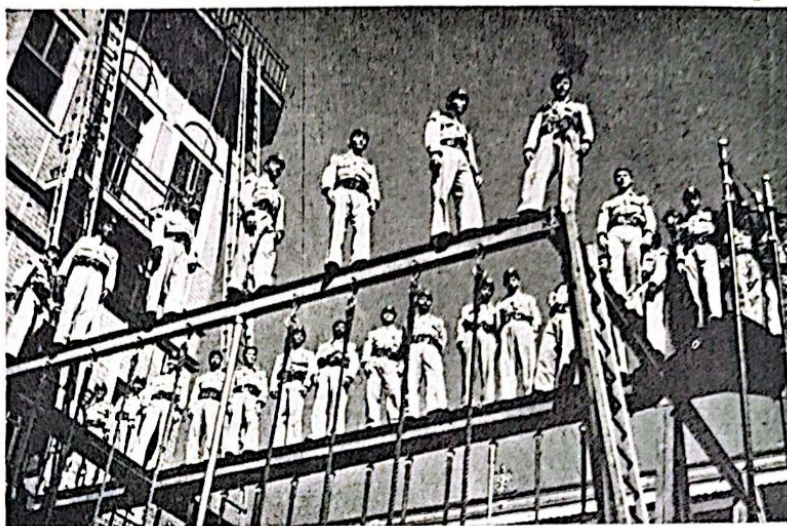
Na tólda, vestido de brim branco, vê-se o Capitão Manso Saião, um dos mais ilustres oficiais da Marinha brasileira, professor jubilado e doutor em matemáticas, que foi protagonista de um dos dramas mais pungentes daquele dia: desde o princípio recomendara calma aos passageiros, assegurando que seriam salvos com a maior facilidade pela barca "Quinta", a qual levava a fazer sinais para aproximar-se.

Depois, quando viu que ela fugia cobardemente, e que soara o momento fatal para os infelizes passageiros da "Terceira", tratou de salvar o filho, uma criança que o acompanhava. Atiraram-se ambos ao mar, como fizeram quase todos os passageiros da barca. Agarrou o menino e, nadando vigorosamente, carregou-o até à praia. E, aí chegando, verificou, atônito, que a criança que salvara não era o seu filho, mas, uma outra que por engano apanhara entre a multidão de homens, mulheres e crianças que se debatiam nas águas! Não hesitou um momento. Voltou ao local do sinistro, conseguiu ainda encontrar o menino e com êle procurou alcançar novamente a praia. O esforço fôra demasiado, porém, e, extenuado, êle afundou em meio do caminho com o seu filho.

Na tarde de 26 de outubro de 1915 deu-se o terceiro grande desastre registrado nos anais da Cantareira. Naufragou na Ponta da Areia a barca "Sétima", que conduzia 328 meninos, alunos do Colégio Salesiano, de Santa, que voltavam de uma parada no Rio. Morreram dezenas dêles, e também alguns dos padres que os acompanhavam".

Hoje, os desastres, no interior da Baía de Guanabara, por certo, não atingirão aos índices catastróficos dos daquelas épocas, quer devido aos recursos marítimos dos bombeiros, quer em virtude do grande número de embarcações, de motor à explosão, que cortam as águas, do amanhecer ao anoitecer, como já nos foi dado verificar, quando das tragédias de duas lanchas da Frota Carioca, há poucos anos.

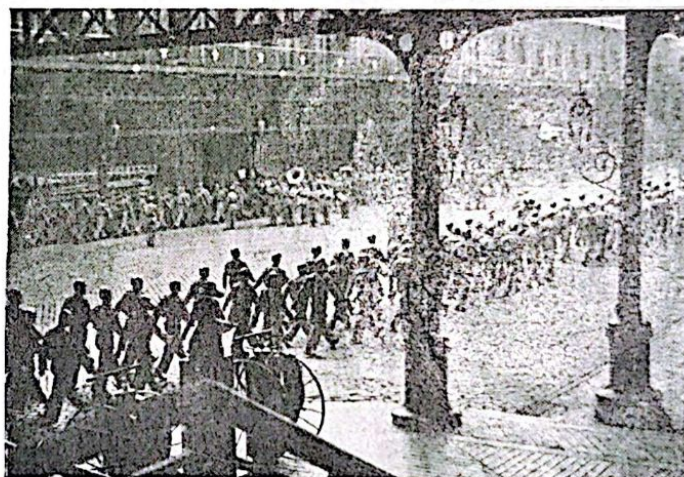
EDUCAÇÃO CÍVICA



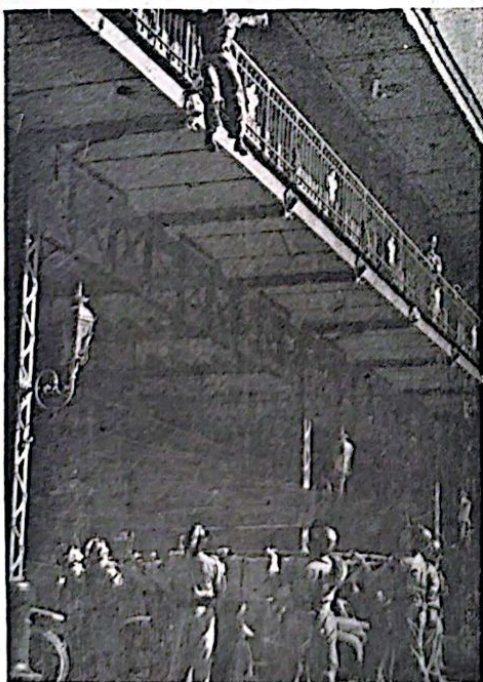
Prova de equilíbrio na torre de exercícios

Não há profissão que exija tanta robustez, sólido organismo, coragem e desprendimento como a do bombeiro. Esses predicados só se obtêm à custa de uma aprimorada educação física, moral e profissional.

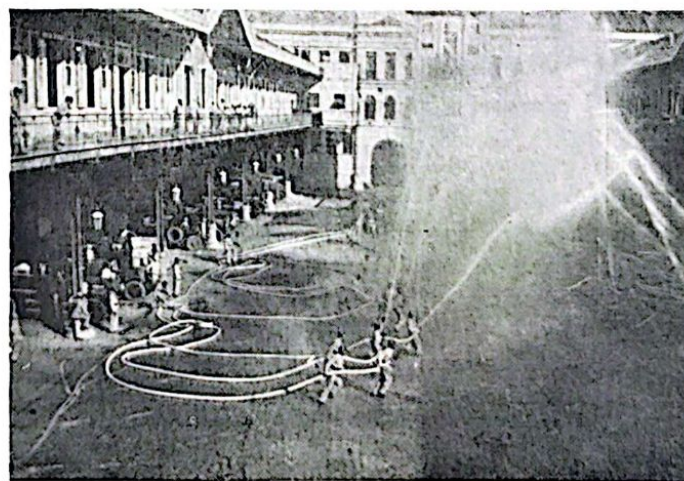
Eis alguns aspectos dos exercícios a que se submetem os soldados do fogo para que não lhes faltem essas qualidades nos momentos difíceis e perigosos.



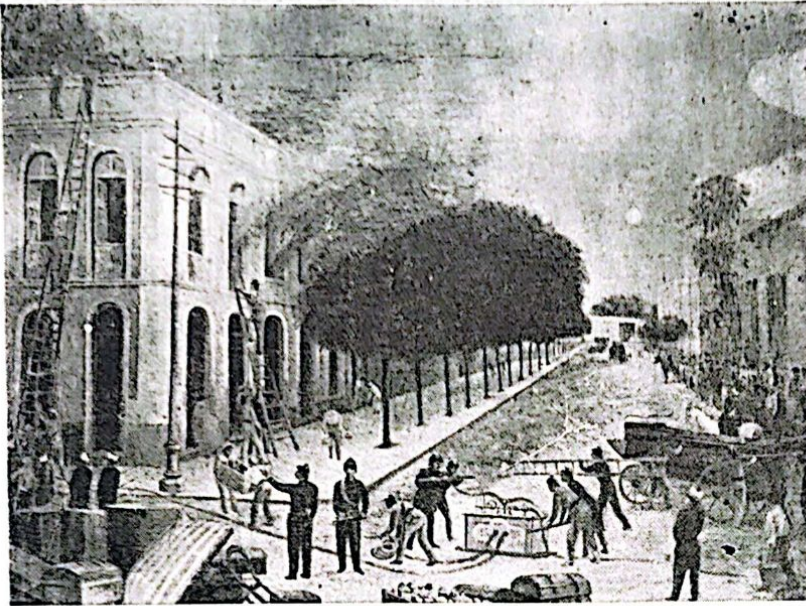
Os bombeiros regressam ao quartel, após a habitual instrução no Parque Julio Furtado



Arriscado salto no paraquedas



Um simulacro de combate às chamas no interior do quartel



Gravura representando um incêndio no século passado



Os bombeiros da época, com o seu embrionário material de extinção: pequena bomba manual, manejada por 4 homens, capaz somente de alimentar 2 fracos jatos; escadas manuais rústicas e sem segurança; e, à direita, o seu carro-material de tração animal.



UM INCÊNDIO NO SÉCULO PASSADO

CONFRONTOS...

UM INCÊNDIO NESTE SÉCULO



Os bombeiros de hoje, com um de seus poderosos autos-escada-mecânica; múltiplas e poderosas linhas de mangueira, alimentadas por possantes autos-bomba; uma viatura do serviço de proteção e, mais atrás, um auto-ambulância de reserva.



Trabalho num incêndio nos dias de hoje



DOS ARQUIVOS DO CORPO DE BOMBEIROS

CAP. JOSÉ DE MORAES

Recebendo do sr. cel. Sadok de Sá, nosso illustre comandante, a incumbência de organizar esta revista, quis o meu chefe, major Francisco Cavalcanti de Albuquerque, subdiretor do ensino do nosso glorioso Corpo, associar meu nome a essa tarefa que, sendo-me muito honrosa, procurei cumpri-la, à medida de minhas forças, empenhado para que a verdade se sobrepujasse à fantasia, sem outro intuito que o de contribuir na divulgação de fatos já relegados ao esquecimento. Propositadamente observei, na transcrição dos documentos retirados do arquivo, a grafia da época, ora tão modificada, o que era necessário, em respeito à tradição, e para conservar mais fortes os momentos dum passado tão glorioso, donde podemos tirar os melhores ensinamentos de trabalho e de sacrificios para o engrandecimento do nosso Corpo.

*

RELATÓRIO DO PRIMEIRO INCENDIO REGISTRADO, APÓS A FUNDAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS

1.º de Novembro de 1856 — “Ilmo. e Exmo. Senr. — Achando-me encarregado do commando do Corpo Provisório de Bombeiros, no impedimento do respectivo Director Geral, cumpre-me comunicar a V. Exa., para que chegue ao conhecimento do Exmo. Senr. Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça que, hoje ás 3 3/4 horas da tarde, deu signal de incêndio o convento de Sto. Antonio. Achando-me no morro do Castello, onde n'aquelle momento acabara de fazer entrega ao Director dos Telegraphos, do mastro e mais objectos que devem servir para os signaes que manda o regulamento n. 1775 de 2 de Julho do corrente anno, em casos de incendios, desci a galope, e em caminho soube que o incendio era no mesmo convento, cujo sino annunciava fogo na Freguesia da Candelária, motivando assim alguma demora na chegada das bombas que se dirigirão para o lado opposto d'aquelle para onde devião ir; não porem essa demora sido de lamentar.

Logo que ali cheguei, dirigi-me ao lugar onde se havia manifestado o fogo, que achei extinto pelos esforços do Padre Guardião e outros, os quaes informarão-me de que havião bem fundadas suspeitas de ter sido o fogo lançado de proposito. Com effeito, o exame a que procedi, acompanhado do instrutor geral do Corpo de Bombeiros Bernardo Urbano de Bidegorry e do Rmo. Padre Guardião, demonstrou cla-

ramente que erão justas aquellas suspeitas, pois que subindo ao forro da cella que serve de archivo, e onde se se achavão dous cofres contendo objectos de prata, segundo fui informado, e em cujo teto começou a lavrar o fogo, o qual foi descoberto pelo mesmo Padre Guardião que ao passar por ali sentio os estalos da madeira em combustão, vi que um dos barrotes achava-se carbonisado pela parte superior, indicando ter havido trabalho para lhe comunicar o fogo; junto desse barrote havião alguns cavacos que tinhão começado a arder, e a pouca distancia achou-se um maço de phosphoros já queimados. A parede da cella contigua, por onde se pode chegar a esse forro, entrando por uma abertura no tecto mostrava ter sido escalada, pela calça que se via no chão, sendo a dita parede de páo a pique, e podendo servir de degrãos as ripas que seguião o barro, como verifiquei, subindo por ellas, com o instrutor geral do Corpo, notando que a fechadura da porta dessa cella mostrava de ter sido forçada. Alem d'esses indicios que parecem suficientes para não deixar duvida sobre a tentativa do crime, que ameaçou destruir aquelle edificio, se as chamas lavrassem n'aquelle logar, ha as revelações que ouvi de varios religiosos e da propria boca do venerando Padre Mestre Frei Francisco de Mont'Alverne, aos quaes circunstanciadamente chegarão ao conhecimento de V. Exa.

Deo-se uma busca no ferro do edificio na parte ameaçada para descobrir o author do attentado, mas ninguem se encontrou.

Acompanhado do Guardião e mais alguns reverendos e soldados da Policia, percorri todo o convento mas ainda sem resultado. Comtudo, essa busca não me pareceo satisfatoria por ser vastissimo o edificio, e não haver tempo, em consequencia de approximar-se a noite, de explorar todos os cantos do convento. Entretanto servio para observar se haveria outro ponto ameaçado, o que felizmente não se deo.

Ficando a disposição da competente autoridade policial a força de pedestres, e de permanentes, mandei que se collocassem duas pipas com agua á porta do convento, para que, no caso de apparecer fogo, durante a noite, á vista das suspeitas que existem, possa ser atalhado em tempo, estando prompta a gente do ponto das bombas da Carioca para acudir ao primeiro signal, e vencida a primeira difficuldade, qual é a conducção de agua para aquelle lugar.

Houve o cuidado de evitar que o povo que era attraído pela curiosidade

invadissee o convento, e durante o movimento próprio de taes occasiões nenhuma occorrenca se deo que perturbasse a ordem.

Accudirão as bombas das Obras Publicas, as dos Arsenaes de Guerra e de Marinha, piquetes de Permanentes de Artilharia, da Companhia de Pedestres, e da Guarda Nacional em serviço da Guarnição.

O tempo que fui obrigado a demorar-me no convento, e providencias que tive de dar posteriormente, occasionarão a demora desta communicação.

Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro, 1.º de Novembro de 1856 — Ilmo. e Exmo. Senr. Antonio Thomaz de Godoy — Chefe de Policia da Corte. Assignado — Francisco Egydio Moreira de S. Pedro — Capitão Ajudante.”

Reputamos esse documento interessantissimo pelo seu valor historico principalmente por ter sido o primeiro incendio occorrido após a fundação do Corpo de Bombeiros; a suspeita nelle relatada de tratar-se duma tentativa criminosa para destruir o Convento de Sto. Antônio, que hoje já consideramos um monumento da cidade, e finalmente a citação do nome de Mont'Alverne, um dos maiores oradores sacros do século passado e que se notabilizou, quando já atingido pela cegueira, no célebre sermão proferido na presença de D. Pedro II e que constitui bellissima página da literatura nacional.

**

OS PRIMEIROS POSTOS

Segundo officio abaixo, logo após a fundação, o comandante justificou ao Ministro da Justiça, entre outras medidas, a criação de quatro Postos de Bombeiros, dando-se assim início à descentralização dos serviços. Hoje já conta o Rio de Janeiro com mais de duas dezenas desses destacamentos.

“Ilmo. Exmo. Senr. — Sendo conveniente que se estabeleça desde já alguns postos parciaes, como recommenda o artigo 28 do Regulamento de 2 de Julho do corrente anno, entendo que os sitios onde he mais recommendável o estabelecimento de taes postos são: 1.º O bairro do Catette, 2.º O do Engenho Velho, 3.º O de S. Christovão, 4.º O litoral entre o Consulado e a Praça Municipal.

Os pontos já estabelecidos que ficão mais proximos do bairro de que fallo são: O Arsenal de Marinha e a Repartição de Obras Publicas, de onde

não he possível suspeitar-se que ha'a ali incendio por grande que seja. Entretanto os edificios são em geral antigos, mal construidos e, ha n'aquella parte da Cidade grande numero de armazens de madeira.

Tudo isto justifica a creação de um posto parcial n'um ponto convenientemente escolhido entre o Consulado e o Largo da Imperatriz.

Porem sendo necessario guarnecer cada um dos quatro postos que proponho com 10 homens e um cabo ou chefe de turma e não havendo para isso pessoal, entendo que será forçoso estabelecerem-se, por ora, somente dous postos que serão o do Catette e o de S. Christovão.

Para obter-se pessoal necessario rogo a V. Exa. que me autorize a alistar 20 a 24 homens, dous chefes de turma e um commandante, tendo os primeiros o vencimento de 1\$200 rs., e o commandante 2\$000 diários.

Este pessoal pode ser utilizado em serviço de irrigação dos arrabaldes em que ficar estacionado.

Quanto ao material podem se obter da Repartição de Guerra duas bombas das mais pequenas, com alguns utenciz, por emprestimo, até que cheguem de Pariz a bomba já comprada e a que ultimamente se recommendou. Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro 1.º de Setembro de 1856. Illmo Exmo. Ser. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça — Assignado. João Baptista de Castro Moraes Antas — Director Geral".

**

A ORGANIZAÇÃO DEFINITIVA DO CORPO DE BOMBEIROS

Conquanto fundado a 2 de julho de 1856, só a 13 de março de 1857, deu o comando como definitivamente organizado o nosso Corpo, conforme officio ao Ministro da Justiça, nos seguintes termos:

Vejamos com que pessoal e material, naquela data, foi o Corpo de Bombeiros considerado organizado.

"Illmo. e Exmo. Senr. — Antes de apresentar a V. Exa., o relatório que preparo sobre o estado em que se acha o Corpo Provisorio de Bombeiros, cumpre-me participar a V. Exa. que o mesmo Corpo está organizado, e em estado de prestar bons serviços, como passo a expor em poucas palavras.

A secção pertencente á casa de Correção consta de 60 africanos livres, cuidadosamente escolhidos, tem por commandante a Luiz Martiniano Valdetaro e por Instrutor parcial a Antonio Verissimo Ivo de Abreo, nomeados por V. Exa. Esta secção tem recebido lições de gymnastica desde 19 de Outubro até hoje, nos domingos, Dias Santos, e já tem material para funcionar em qualquer incendio.

A secção pertencente ao Arsenal de Guerra consta de 30 praças do Corpo de Artifices, inclusive um sargento que serve de commandante de secção interinamente e tres cabos de esquadra que servem de chefes de turma.

Este contingente é o que já tem maior pericia nos exercicios de gym-

nastica e nos trabalhos de socorro e salvação nos casos de incendio.

O material constante de 6 bombas, convenientemente guarnecidas de utenciz é de sobra para o pessoal existente.

A secção pertencente á Repartição de Obras Publicas consta de 20 bombeiros effectivos e de 18 bombeiros addidos. Serve de commandante interinamente José Antonio Correa que já propuz ao Exmo. Ser. Ministro do Imperio para commandante effectivo.

Esta secção recebe lições no gymnasium do Arsenal de Guerra, confoim a requisição que fiz para isso aos Exmos Senrs. Ministros da Guerra e do Imperio.

O material constante de 3 bombas e dos mais necesarios utenciz é sufficiente para o trabalho do pessoal existente.

A secção do Arsenal de Marinha tem hoje material excellente, vindo de Londres. O alistamento de pessoal tem encontrado difficuldades que não serão removidas. Creio que será necessario ao Ministerio da Marinha adoptar o expediente que já tive a honra de propor. Entretanto n'um caso de incendio o material do Arsenal de Marinha marchará como tem sido costume.

Estão dadas as providencias necessarias para que se fação no sino da Igreja de S. Francisco de Paulo os signaes designados no Regulamento.

Os signaes do Morro do Castello, a cargo do respectivo Director, podem começar logo que estejam promptos alguns objectos que o mesmo Director requisitou ao Arsenal de Marinha.

ESTÁ POIS ORGANISADO O CORPO PROVISORIO DE BOMBEIROS. (O grifo é nosso).

Se infelizmente se manifestar algum incendio consideravelmente grande na Cidade, confio em que será extinto com pericia e ordem, esperando que com a instrução que está adquirindo o pessoal, esse serviço virá a ser cada vez mais perfeito.

No relatório que annunciei a V. Exa. darei conta de tudo quanto julgo necessario para justificar a adopção de algumas medidas que devo propor a V. Exa.

Deus Guarde a V. Exa. — Rio de Janeiro 13 de Março de 1857 — Illmo. Exmo. Senr. Conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça. Assignado — João Baptista de Castro Moraes Antas, Director Geral".

**

OS BANHOS...

D. Pedro II apreciava muito o nosso Corpo. Duma feita, achando-se em visita ao Quartel Central, recebeu autêntico banho, não permitindo, entretanto, que o autor do descuido e que dera causa a tão "lamentável accidente" fosse castigado. Não muito mais tarde um cabo de policia queixou-se, pelos trâmites legais, de haver sido molhado por occasião dum incendio. Desses episódios, dá-nos conta o officio abaixo:

Hoje, só mesmo por brincadeira admitiriamos que alguém, postado nas

imediações de um incendio fôsse queixar-se de haver sido molhado, pelos bombeiros em trabalho, ao Delegado, ao Commissário ou mesmo a qualquer guarda. Pois bem. Em 1887, um cabo da Policia da Côte, dando mostras de negligência, em suas obrigações, queixou-se — imaginem a quem! — logo ao Comandante Geral do Corpo Militar de Policia da Côte! E não é tudo... A sua queixa foi reduzida a têrmos e deu aso á troca de explicações, com officios de lá e de cá, trazendo á baila o official chefe do socorro, seguindo-se esclarecimentos e deducções do próprio commandante do Corpo, como, por parecer-nos muitissimo curioso, este incidente, passaremos a transcrever o Officio n.º 250, de 13 de outubro do ano de 1887, do Comandante do Corpo de Bombeiros, ao Comandante Geral do Corpo Militar de Policia da Côte:

"Illmo. Senr. — Accuso o recebimento do officio de V. Sa., n. 3050 de 7 do corrente, e em resposta, cabe-me, agradecendo a finesa da comunicação, passar ás mãos de V. Sa. a inclusa cópia da parte que, acerca do incidente exposto no citado officio, recebi do Alfes Zoroastro Franklin Monte da Cunha, Chefe da Estação de Bombeiros do Distrito Oeste (S. Christovão). Por esta parte verá V. Sa. que ainda não estava terminado o serviço de extinção do incendio occorrido á rua de Magalhães de Castro n. 11. E, quando se deu o facto de serem molhadas as praças que se achavam junto á porta do predio incendiado. O Alfes Zoroastro como unico responsavel, naquella occasião pela extinção do incendio, era também o unico competente para dar por terminado o serviço a seu cargo; e desde que ele continuava a mandar arremessar agua sobre as paredes e entulho, claro está que não considerava ainda concluido o trabalho quando se deu o facto que motivou o officio de V. Sa. O Cabo d'esquadra que prestou a V. Sa. as informações sobre o incidente, não tem competencia para declarar que o serviço estava terminado e só por brincadeira continuam os bombeiros a atirar agua com as mangueiras.

Quanto ás pessoas do povo que, pelo dito do Cabo d'Esquadra também foram molhadas, se tal occorreu, o unico culpado he esse mesmo Cabo d'Esquadra por não ter cumprido com o primeiro de seus deveres ao chegar ao local do incendio: "fazer retirar as pessoas estranhas ao Corpo de Bombeiros e que não se acharem empregados, pelo Diretor ou por quem suas vezes fizer, no trabalho da extinção do incendio (Art. 61 § 3.º do Regulamento approved por Decreto n. 8337, de 17 de Dezembro de 1881).

Não pense todavia V. Sa. por estas observações que eu julgo os meus Commandados incapazes de cometer abusos. Bem longe disso. A fonte que fornece praças para o Corpo, sob o digno commando de V. Sa., he a mesma donde saem os bombeiros e V. Sa. sabe, tão bem como eu, quanto he difficil conseguir-se uma boa escolha de pessoal. Mas no to ante á presente reclamação, não tenho duvida em declarar a V. Sa., que, como Comandante do Corpo de Bombeiros, não posso impedir que, durante o serviço de extinção, jactos d'agua, bem ou mal dirigidos, vão cair á rua sobre

as pessoas que por dever ou curiosidade se aproximarem do local do incendio.

Ministros de Estado, Chefes de Policia, seus Delegados e Sub-delegados tem sido por varias vezes, molhados nos incendios e sem o menor protesto, pois taes autoridades reconhecem que, no cumprimento de arriscados e imepriosos deveres, não pode haver, por parte dos bombeiros, desconsideração às suas pessoas, e attribuem á mera casualidade ou á força maior o que o Cabo d'Esquadra suppõe gracejo ou falta de respeito ás suas divisas.

Vem a pello referir que até mesmo o Chefe de Estado, Sua Magestade O Imperador já recebeu, em exercicio do Corpo neste Quartel e não em incendio, forte jacto d'agua sobre o chapeo e não consentio que eu dirigisse a menor reprehensão ao bombeiro chefe de esguicho que por descuido ou fraquesa muscular deu causa a tão lastimável accidente.

São pois factos naturaes nos incendios cahirem sobre as ruas visinhas fortes e inesperados jactos d'agua, e não ha dahi motivo para reclamações ou protestos. O Cabo d'Esquadra queixoso não se teria molhado se, em vez de ir dormir ou postar-se á porta do pedio incendiado, onde não era chamado, se limitasse a cumprir com os unicos deveres que lhe cabião na occasião, isto he affastar de junto do local do incendio todas as pessoas estranhas ao trabalho de extincção.

Deus Guarde a V. Sa. Snr. Coronel Antonio Florencio Pereira do Lago. Digno. Commandante Geral do Corpo Militar de Policia da Côrte. Assignado. — Tenente-Coronel João Soares Neiva, Diretor Geral".

Depois d'este sério incidente, naquela época, porém, hilariante, para nós outros, nos tempos que correm, queremos concluir, contudo, não antes de recordarmo-nos daquele fato passado com o Pequeno Corso, Grande Imperador de França, que tendo encontrado um de seus soldados em falta grave, recomendou-lhe paternalmente: "cuidado com o sargento!", e, sem desejar plagiá-lo, julgamos oportuno recomendar aos bombeiros: **MOLHEM O IMPERADOR, MAS NÃO AO CABO...**

Em virtude das características de tropa militarizada o nosso Corpo de Bombeiros, nos momentos mais difíceis para a Nação, tem cooperado com as forças armadas na manutenção da paz interna e nos conflitos internacionais. Assim foi na Guerra do Paraguai, na Proclamação da República, na Revolta de 1893, na rebelião comunista de 1935, na intentona integralista de 1938, na segunda Grande Guerra e em tantas outras circunstâncias. Não iremos citar tôdas essas fases, registremos algumas.

BOMBEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI

Em 1865 os bombeiros Rufino Germano da Luz e Germano Euzebio da

Silveira, pediram, ao seu comandante, Ten.-Cel. Juvencio Manual Cabral de Menezes, permissão para servir ao Brasil, na luta contra Francisco Solano López, ditador do Paraguai.

Devido à organização do Corpo de Bombeiros, naquela época, o comandante a solicitou ao Imperador D. Pedro II que, por intermédio do Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, aceitou, conforme resposta datada de 6 de fevereiro de 1865, mandando alistar aquêles dois soldados do fogo em um dos Corpos de Voluntários. Em virtude do seu gesto, foram êles, por ordem de Sua Magestade, o Imperador D. Pedro II, elogiados, no dia 11 do mesmo mês, diante de toda a tropa, cerca de trezentos homens, em Ordem do Dia, cujo elogio terminava com estas palavras: "concluindo a presente Ordem do Dia, devo ainda exortar a êsses bombeiros que cumpiram, com todo o desvêlo e zêlo, as novas obrigações que vão assumir e que sigam por toda a parte o nosso auriverde pavilhão, para que alcancem honra e glória, para si e para o Corpo de Bombeiros a que pertenceram, e chamando ao mesmo tempo a atenção dos meus comandados para a ação praticada por êsses dignos bombeiros, convido-os a imitá-los".

Mais de uma centena de homens alistou-se, seguindo aquêlo exemplo, inclusive o Capitão Luiz Martiniano Valdetaro, que, a 21 de abril de 1867, encontrou a morte, vitimado pelo colera morbus, quando em campanha, da mesma forma que outros, no fragor das sangrentas batalhas; porém, com HONRA E GLÓRIA, voltaram muitos, como o desejava o seu comandante!

NA REVOLTA DE 1893

Nos primeiros dias do mês de outubro de 1893, estabelece-se, em Santa Catarina, a sede do governo revolucionário, após a chegada do Capitão Frederico Lorena, que levava consigo, do Rio de Janeiro, alguns navios, aos quais juntou-se depois o couraçado "Aquidabã", sob o comando do Almirante Custódio de Mello. Com as tropas enviadas da Capital, seguiu o Tenente-Coronel do Imperial Corpo de Bombeiros ANTONIO ERNESTO GOMES CARNEIRO, que acabara de deixar o comando do Corpo de Bombeiros, a 28 daquele mês, depois de 1 ano, 9 meses e 20 dias de honesta e laboriosa administração, para, no desempenho de novas e honrosas missões, encontrar a morte, em plagas paranaenses, coberto de glórias, após tantos feitos de bravura e heroísmo, que lhe valeram o significativo título de "HERÓI DA LAPA".

Lutava o bravo consolidador da República sem ter uma esquadra para combater os rebeldes, em fevereiro do ano de 1894, agora chefiados, na Marinha, pelo Almirante Saldanha da Gama. Nesta emergência, estando com navios comprados em França e nos Estados Unidos da América do Norte, mandou recrutar homens valentes e audazes, no seio do Exército, da Escola Militar e do Corpo de Bombeiros, que contribuiu com 50 homens, que só

sabiam estarem seguindo para uma "missão secreta".

Embarcados no "Brasil", navio francês, sob as ordens do Capitão do Exército Manoel Pantoja Rodrigues, seguiram rumo ao Velho Mundo, ficando uns, em Lisboa, aguardando condução para os Estados Unidos, onde deveriam guarnecer a fragata "Niterói"; os outros seguiram para Bordéus e dali para Toulon, em França, indo constituir a guarnição do "belo cisne branco" — cruzador escola "Benjamin Constant".

Aquêles homens não chegaram a ser marinheiros de linha, é verdade, mas foram bravos, disciplinados e, sobretudo, úteis soldados da ordem, que souberam levar a bom termo a missão que lhes foi confiada.

NA REBELIÃO COMUNISTA DE 1935

Nos dramáticos acontecimentos do dia 27 de novembro de 1935, ainda tão vivos na memória de todos nós, eficiente foi o concurso do nosso Corpo para debelar a rebelião irrompida nesta Capital e no norte do País. Vejam os como se expressou o então Comandante da 1.ª Região Militar, exmo. sr. General Eurico Dutra, em telegrama dirigido ao saudoso Coronel Aristarcho Pessoa.

"Snr. Cel. Cmt. do Corpo de Bombeiros. Embora atrasado devido ao acúmulo de serviço, venho apresentar-vos e aos vossos dignos comandados, os meus mais sinceros agradecimentos pelo valioso auxilio que essa brilhante corporação, cujos relevantes serviços são por todos proclamados, a 27 de novembro findo, na debelação pronta dos incêndios verificados nos quartéis do 3.º Regimento de Infantaria e na Escola de Aviação Militar, contribuindo dessa forma para melhor atividade das tropas de ocupação no desempenho, garantindo seus deveres, e também poupança de copioso material de guerra. Queira digno camarada aceitar e transmitir a todos dessa prestante e respeitável corporação segurança meu profundo reconhecimento e justos louvores sua corajosa e benemérita cooperação. Cordiais saudações. General Eurico Dutra. Cmt. da 1.ª R. M."

DEVOTAMENTO E ABNEGAÇÃO

Lembrou-nos esta passagem, com um bombeirinho, do início deste século, aquêlo belo comentário da brilhante cronista Lya Cavalcanti, que ouvimos através das emissoras cariocas PRA-2 e PRL-4, sob o título "Os Bombeiros e a Vida", também publicado no "Boletim Informativo da Rádio Ministério da Educação", de fevereiro último, e que, por fazer referências especiais ao nosso companheiro Tenente Luiz, obriga-nos a fazer uma síntese dos fatos, em que aquêlo nosso companheiro foi personagem central, para integral compreensão do que nos propomos narrar.

A bravura do 2.º Tenente Manoel Luiz da Silva foi mui justamente decantada, após o seu abnegado gesto, a 20 de fevereiro último, quando entrou em uma improvisada vagonete, em companhia de outro abnegado, que infelizmente não é bombeiro (orgulha-

mo-nos de gente assim!), para tentar a retirada de 21 pessoas, em situação aflitiva, a 70 metros do solo, prêsas no interior de um bonde aéreo, a 120 metros do morro da Urca, garantidas, exclusivamente, pelo cabo trilho de emergência, já que o principal partira e, para o cúmulo da pouca sorte, ficara sôbre o bonde, como terrível sobrecarga. E a vagonete desceu, rodopiou no espaço, foi-se aos trancos, e ameaçou virar, ao deslizar sôbre o cabo partido, que teve de ser afastado a punhos, porém, prestou-se à sua finalidade — a retirada daquelas agoniadas 21 pessoas: homens, mulheres e crianças. Se nos permitem a expressão, diremos que as duas autênticas cabaías voluntárias triunfaram, e, hoje, são, com inteira justiça, dois heróis, já agraciados com a medalha de "Honra ao Mérito".

Não cremos que a expressão acima seja humilhante, dada a utilidade daqueles animaisinhos, auxiliares discretos e sacrificados pela ciência, para o bem da humanidade. Assim, vemos o que nos diz o relatório do Oficial mais graduado, presente ao local do acidente, acompanhando angustiado aos menores movimentos de seus comandados:

"DEVOTAMENTO — ABNEGAÇÃO: Concluindo este relatório, cumpro com satisfação o dever de agradecer e elogiar a todos os elementos militares e civis, que tomaram parte no serviço de salvamento, pela maneira capaz e espírito de iniciativa com que se desobrigaram de suas diferentes missões.

Dada a maneira especial com que se destacou o 2.º Tenente Luiz da Silva, chefe do socorro do Serviço de Proteção, não poderia deixar de citá-lo nominalmente, tanto assim que o citando oficial, numa demonstração de desapêgo à vida e de ser possuidor do mais acendrado espírito de humanidade, a par de uma bravura e discernimento inexcedíveis, na ânsia de trazer a salvo semelhantes seus que se achavam em iminente perigo de vida, arriscou a sua própria, com conhecimento de causa, descendo até o bonde acidentado em uma vagonete improvisada, que deixava dúvidas quanto à sua segurança e após o próprio engenheiro da Companhia ter declarado tratar-se de uma empresa arriscadíssima, da qual, absolutamente, não se poderia garantir o êxito.

Tornou-se, assim, o Tenente Luiz, cujos predicados morais e simplicidade ele labutam sobremente conhecidos, pessoal já são de todos os que com merecedor da mais alta distinção que lhe possa ser conferida, pelo seu incontestável ato de bravura".

Agora, já podemos transcrever o que de belo e delicado, com aquêlo seu mui peculiar estilo, nos dedicou Lya Cavalcanti:

"Não sei porque matar gente merece sempre "manchette" e publicidade maior do que salvar gente. Em ambos os casos, é a vida humana que está em jôgo, mas assassino tem direito a nome muito mais falado e conhecido do que salvador. E é por isso que raramente se torna famoso um bombeiro. E preciso que morra em serviço, ou pratique alguma façanha de tal modo

extraordinária que seu nome não possa deixar de vir a público por alguns instantes. Sim, porque nome de bombeiro nunca aparece na história dos diários conflitos da cidade, como valentão ou espancador. Só se toma conhecimento de que existe o Corpo de Bombeiros, quando alguma calamidade pública ou particular exige abnegação e esforço anônimo, como simples questão de rotina, sem fanfarras e sem condecorações. Gigantes mansos, la estão eles sempre a postos, para o que der e vier, prontos para tôdas as lutas, menos as que envolvem briga contra criaturas de carne e ôsso. Os inimigos são fogo, água, cimento, pedra, e é como se a batalha contra as forças brutas da Natureza lhes tirasse o apetite para lutar contra pigmeus iguais a eles. Mas, por outro lado, o embate do grandioso e do violento — incêndios, inundações, desabamentos — não impede aos bombeiros doçuras maternas diante do frágil, ou mesmo do irracional. De ontem para hoje, entre os noticiários dinâmicos de crimes políticos e passionais, aparecem duas notinhas pequenas, que enternecem e confortam, como minúsculos oásis. É que de ontem para hoje,

enquanto esperavam por grandes incêndios ou grandes tormentas, os bombeiros foram chamados para acudir Ana Maria e o burro João. Ana Maria é pequenina, tem três anos ficou, sôzinha em casa, achou ruim e foi fazer piruetas no parapeito da sacada. Assustou meio mundo, na rua, e é claro que o caso se tornou imediatamente da alçada dos bombeiros. E de quem, senão dêles? Entre cuidados infinitos e acrobacias perigosas, desceu o pequenino fardo nos braços de algum latão reforçado, que de tanto enfrentar o perigo deve ter também atingido por superação, a inconsciente indiferença das crianças. No outro caso — o burro João — havia também susto e tristeza na rua. O burro João era grande amigo da criança do Engenho de Dentro e ontem, numa de suas pacatas peregrinações, distraiu e caiu num poço. Caiu de costas, com o risco de afogar-se, e juntou gente para salvá-lo. Mas diante da inutilidade dos esforços ocorreu a alguém chamar os bombeiros. E quem, senão eles? Coube ao Tenente Manoel Luiz — salve ele — comandar a guarnição de dez homens que acorreu em socorro do burro João. E a guarnição do Tenente Manoel Luiz trabalhou desde dez horas e vinte de ontem até oito e quinze da manhã de hoje, sem parar, dispendendo energia e negenho para salvar o nosso amigo burro, como se gente fosse ele. Modernos e fardados São Francisco de Assis, puseram no salvamento do burro a mesma ternura e o mesmo interesse com que ajudiam ao mais ilustre dos nossos semelhantes. E quando, afinal, foi retirado do poço, içado por guindaste e muito esforço humano, João sacudiu-se todo, relinchou e lá se foi para o seu pasto, sem maiores preocupações de agradecer aos salvadores. Ou quem sabe a ternura que leríamos no seu olhar, se soubéssemos entender olhar de bicho! Seja como fôr, não faltaram porta-vozes para a sua gratidão e o Tenente Manoel Luiz e seus comandados receberam do povo miúdo e do povo graúdo que assistia aos trabalhos uma ovação

de fazer inveja a jogador de futebol que tivesse ganho a Copa do Mundo. E agora, peço licença para vir também eu servir de porta-voz ao burro João com meus modestos aplausos aos seus salvadores. Dá um gôsto todo especial aplaudir gente que faz coisas aplaudíveis sem esperar aplausos. E neste caso estão sempre os amigos bombeiros, em prontidão permanente contra tudo que ameace a Vida, só porque é Vida, nem que seja apenas a do burro João".

Desta forma, no justo momento, chegamos nós ao nosso bravo companheiro do ano de 1901.

— Corria calmo o dia 15 de outubro, e o nosso bombeiro Maurício da Salvação (sim senhor, já era, antes de ser... salvação!), que concluíra as suas faxinas, concorrendo para o "polimento" da Estação de Vila Izabel, onde servia, longe estava de pensar que, nesse dia ainda, deixaria o seu nome humilde, como o são os de todos os bombeiros, para figurar em um artigo, 50 anos mais tarde. Mas dizem que na vida tudo está certo, por linhas tortas!

Eram precisamente 3 horas da tarde, quando o agente da estação de Mangueira, da E. F. C. B., entrou dispnético naquele quartel dos bombeiros, para avisar que uma casa queimava no morro dos Telégrafos. E lá se foi o Maurício com os seus companheiros, para o local do incêndio, uma bela e terrível fogueira, na pequena e humilde cocheira do "seu" Antonio Vieira da Costa, um luzitano vermelho e rechonchudo, bem nutrido a leite e vinho.

O azáfama começou. Bombeiros e civis corriam das bicas e depósitos para o fogo, a baldes e latas d'água, uma vez que encanamento, por ali, era artigo de luxo. Mas, Maurício viu, entre o povo que se acotovelava, destacando-se pelo seu semblante agoniado e as tentativas para aproximar-se da cocheira, um homem — era o "seu" Antonio, aflito e quase desesperançado de salvar o seu tesouro: três vacas malhadas, que chamuscadas pelas chamas, mugiam e se debatiam, impotentes para vencer as cordas que as prendiam e, além destas, o forte maideiramento da cocheira.

O fogo era muito, o calor abraçador, o sapê da cobertura estalava e se contorcia, como que fugindo ao abraço mortal das chamas, e, por fim, caía vencido, arrastando atrás de si uma chuva de fagulhas. Maurício sabia o perigo que estava à sua frente, mas lá estavam três animais, três vidas em perigo, e Maurício esqueceu-se de que tinha uma vida, e lá se foi como um tufão; abriu a porta da cocheira, libertou a primeira vaca, a segunda — só não foi necessário a terceira, porque, encorajado pela sua arremetida, o "seu" Antonio já o fizera. Com o rosto chamuscado, as mãos queimadas, o fardamento esburacado pelas fagulhas e, sob ele, a pele ardendo, de lá saiu, atrás das vacas, o Maurício, sem aplausos nem abraços, que ele mesmo não esperava, porque, nada de mais fizera; — ele era um bombeiro, e os bombeiros lutavam, lutam e lutarão sempre, onde houver "vidas ou riquezas a salvar".